



Teologia Brasileira

Nº 81 | 2020 ISSN 2238-0388

Teologia brasileira, uma produção de Edições Vida Nova	2
Editorial	3
Afinal, quem manda no Brasil? <i>Laurenço Stelio Rega</i>	4
Uma abordagem redentiva e missiológica no livro de Jonas <i>Thomas Magnum</i>	17
Por que cristãos precisam ler Karl Popper <i>André Venâncio</i>	34
Pessoas comuns <i>versus</i> elite: um conflito que não pode ser ignorado <i>Warton Hertz</i>	46
Lançamentos	54



VIDA NOVA

Teologia brasileira, uma produção de Edições Vida Nova

A Revista Teologia Brasileira tem o objetivo de proporcionar um espaço para discussão e produção de teologia que seja bíblica, confessional, relevante, sensível e aberta ao diálogo sobre temas que contemplem a realidade de nosso país. Para isso, contamos com o apoio de uma equipe que, em contato com pesquisadores, pastores, mestres e escritores, torna possível a veiculação de conteúdo que estimule a reflexão bíblica e teológica.

Corpo editorial

Editor responsável:

Franklin Ferreira

Coordenador de produção:

Sérgio Siqueira Moura

Revisão:

Josiane de Almeida e Jonathan Silveira

Contato:

teologiabrasileira@vidanova.com.br

Editorial

Já está disponível mais uma edição da revista Teologia Brasileira! Nesta edição, publicamos um artigo de Lourenço Stelio Rega, que faz uma análise detalhada sobre as orientações de Paulo quanto à relação dos cristãos com as autoridades públicas preconizadas em Romanos 13.

Também apresentamos um artigo de Thomas Magnum tratando sobre o aspecto redentivo e missiológico no livro de Jonas. Thomas nos mostra como a mensagem do evangelho está presente nesse belo livro dos profetas menores.

André Venâncio, por sua vez, revisita a metodologia científica de Karl Popper mostrando-nos como a ciência evolui com base em erros e acertos, e nos alerta sobre os perigos do cientificismo.

Por fim, Warton Hertz faz uma análise do populismo atual, destacando como o povo tem recorrentemente manifestado sua insatisfação com governos que não se preocupam com as necessidades básicas da população.

No vídeo desta edição, apresentamos uma palestra de Ronaldo Lidório sobre a autoria, a natureza e os efeitos do evangelho. Se não compreendemos bem o conteúdo e os efeitos do evangelho, nos deparamos com uma barreira para a vivência cristã e para o cumprimento da missão pela igreja. Pensando



nisto, Ronaldo Lidório desenvolve uma teologia bíblica acerca do tema e faz aplicações relevantes para os cristãos e para a igreja.

(Use o QR code para assistir)

Boa leitura!

Afinal, quem manda no Brasil?

Uma análise à luz da Bíblia e do cenário histórico bíblico

Laurenço Stelio Rega, PhD



Antes de mais nada, peço sua ajuda em ter paciência na leitura deste texto e que aceite o apelo de oração objetiva pelas nossas autoridades que apresento ao final. O objetivo essencial com a produção desta reflexão é que evitemos confundir os fatos que hoje vivemos com ensinamentos das Escrituras. Estamos num momento que precisamos, mais do que racional e emocional ou sentimental, de discernimento bíblico. Vamos iniciar nossa jornada.

Hermenêutica e exegese bíblica como ponto de partida

Na música as notas possuem valores universais e conhecidos. Uma nota Sol emitirá som de Sol e não de Mi. Poderá ter semitons, como o sustenido e o bemol, mas continuará a ser Sol. No Direito existe a ciência da Hermenêutica que oferece regras para a interpretação das leis, tendo como suporte a jurisprudência.

Não é diferente com a interpretação da Bíblia em que temos também a Hermenêutica, que se vale da Exegese e Crítica Textual (pois trabalhamos com textos antigos). Mais ainda, os textos originais - Hebraico, Aramaico e Grego. Não é possível apenas ler a Bíblia, inclusive em formato de tradução, sem a utilização destas ferramentas para a sua compreensão.

Um dos nobres princípios da Hermenêutica Bíblica é a consideração de dois fatores, entre outros:

- **o contexto**, que se divide em interno (*próximo e distante*) e o externo que envolve estudo e compreensão do ambiente em que o texto em análise pertence;
- **o modo da revelação de Deus**. E aqui temos o conceito de revelação progressiva em que Deus vai se revelando ao povo à medida que este possa compreender.

Inúmeras interpretações deixam de considerar inclusive estes dois simples princípios e nos levam a equívocos em afirmar o que as Escrituras não queriam dizer para nós hoje.

Apenas como exemplo, o segundo item acima nos esclarece diversas situações de modo que não podemos concluir que uma situação ou ensino, ou mesmo declaração sejam planas, isto é, tenham o mesmo significado em todo texto bíblico desde quando surgiram, por exemplo no Antigo Testamento, e depois mais à frente na história da revelação, por exemplo no Novo Testamento. Um exemplo para simplificar. O conceito de pecado passa por um processo de desenvolvimento desde o Antigo Testamento (Decálogo) até o Novo Testamento (ensino paulino):

- Pecado como **conceito objetivo, sociológico**, como ação: fazer ou não fazer algo de acordo com a lei (ex.: Dez Mandamentos - de 10 mandamentos, apenas um menciona ação interna)
- Pecado como **conceito subjetivo, psicológico**: sentir ou pensar em algo incompatível com a lei (ex.: Jesus quando mostra a essência dos mandamentos - Mt 5. 13,14 Sermão da Montanha)
- Pecado como **conceito subjetivo, ontológico**: aqui não se refere a fazer, sentir ou pensar apenas, é algo mais profundo, está no Ser: Paulo quando falar que temos a natureza pecaminosa (Romanos 7)

Assim, quando encontramos a palavra pecado na Bíblia, poderá representar significados diferentes a partir do contexto e em qual estágio da revelação progressiva em que ela figura.

Quem está investido de autoridade está sempre certo? Como compreender o princípio da obediência às autoridades conforme Romanos 13 em nossos dias?

Depois disso é possível, em princípio, avaliar compreensões que hoje nos afetam e estão sendo muito utilizadas nessa crise política pela qual passamos:

- Devemos aceitar que quem está investido de autoridade política hoje é como no passado o rei que era ungido de Deus, então não podemos questioná-lo. Revelando certo sentido de “messianismo”.
- Devemos sempre obedecer, sem questionar, às autoridades (Romanos 13).

Em primeiro lugar, o governo em que o conceito de que o rei era o escolhido de Deus, o ungido de Deus, era de natureza teocrática. Deus escolhia e poderia rejeitar. Esse tipo de governo, diante da rebeldia do povo foi interrompido por Deus e nunca mais surgiu na história.

Em segundo lugar, em Romanos temos um governo imperial, em que não era possível questionar o imperador sem o custo da vida. Não havia qualquer mecanismo de avaliação ou questionamento das atitudes do imperador que pudesse ser utilizado pelo cidadão (servo) comum.

Como entender isso hoje?

No regime democrático (do grego: demo = povo; crático de “kratos” = poder) é o povo que escolhe seus governantes e não Deus por algum sinal por meio de algum profeta ou sacerdote, pois não estamos num governo teocrático. Então não podemos ter o equívoco de aplicar o texto do Antigo Testamento sobre a escolha divina do rei e, mesmo o texto Paulino sobre a obediência às autoridades de forma direta.

No governo democrático existe, criados pelo próprio regime, mecanismos de avaliação governamental, fiscalização, órgãos de julgamento em diversas instâncias, leis e dispositivos que o povo pode utilizar contra quem governa mudança de rumo.

Neste caso, no Brasil, temos diversos mecanismos para controle do Estado e seus governantes, inclusive Ministros. Assim, temos órgãos como Tribunal de Contas da União e a Controladoria-Geral da União; mas também leis específicas, tais como Lei da Transparência, Lei Complementar da Ficha Limpa, Lei Complementar de Responsabilidade Fiscal, Lei Anticorrupção etc. Temos também

instrumentos tais como, Processo de Impeachment, Mandado de Segurança, Habeas Corpus, Habeas Data etc.

Mecanismos inaceitáveis em um governo no regime imperial a serem acionados pelo cidadão comum. Portanto, o ensino de Romanos 13 necessita ser devidamente considerado dentro do contexto em que foi escrito, qual seu princípio essencial que vale para todo tempo, e a sua aplicação desse princípio essencial em contexto de um regime em que vivemos – democrático.

Como entender então Romanos 13¹?

Toda pessoa esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas. De modo que aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos condenação. Porque os magistrados não são para temor, quando se faz o bem, e sim quando se faz o mal. Queres tu não temer a autoridade? Faze o bem e terás louvor dela, visto que a autoridade é ministro de Deus para teu bem. Entretanto, se fizeres o mal, teme; porque não é sem motivo que ela traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar o que pratica o mal. É necessário que lhe estejais sujeitos, não somente por causa do temor da punição, mas também por dever de consciência. Por esse motivo, também pagais tributos, porque são ministros de Deus, atendendo, constantemente, a este serviço. Pagai a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem respeito, respeito; a quem honra, honra. [Romanos 13.1-7]

v. 1 *Toda pessoa esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas.*

Como entender que toda autoridade procede de Deus?

Como entender que toda autoridade procede de Deus? Por meio da Teologia houve a descoberta de que há um princípio sobre a providência divina chamado de “economia divina” (*concursus providencial*) demonstrando que Deus dirige a nossa história, enquanto a escrevemos como seus agentes. Sendo assim, Deus não está ausente do que ocorre na história e das ações humanas. Esta abordagem

¹Para mais detalhes sobre a compreensão deste texto ver REGA, Lourenço Stelio. *Dando um jeito no jeitinho – como ser ético sem deixar de ser brasileiro*. São Paulo: Mundo Cristão, 2000. Capítulo 21 “O cristão e as autoridades”. Pgs. 177-182.

do *concurfus* evita tanto o deísmo quanto o panteísmo, como nos ensina Louis Berkofh que define a concorrência divina

a cooperação do poder divino com todos os poderes subordinados, em harmonia com as leis pré-estabelecidas de sua operação, fazendo-os agir precisamente como agem. Alguns tendem a limitar a operação da concorrência, no que se refere ao homem, às ações humanas moralmente boas e, portanto, recomendáveis; outros, mais logicamente, estendem-na ações de toda sorte. Deve-se notar logo de início que esta doutrina implica duas coisas:

(1) Que as forças da natureza não agem por si mesmas, isto é, simplesmente por seu próprio poder inerente, mas Deus exerce operação imediata em cada ato da criatura. Deve-se sustentar esta verdade em oposição à posição deísta;

(2) Que as causas secundárias são reais, e não devem ser consideradas apenas como o poder operativo e Deus. É só com a condição de que as causas secundárias sejam reais que podemos falar com propriedade de uma concorrência ou cooperação da Causa Primeira com as causas secundárias. Deve-se dar ênfase a isto, contra a ideia panteísta de que Deus é o único agente em ação no mundo.²

Em resumo a “concorrência divina” indica que tudo ocorre sob a autorização de Deus, coincidindo ou não com as leis que Ele tem estabelecido para a Criação. Vamos lembrar que as ocorrências seguem as limitações da vida e/ou natureza, tais como enfermidades, contaminações, acidentes etc. Isso tudo não implica em que a soberania de Deus seja limitada, mesmo porque Ele age ou não quando desejar.

Sobre a vontade de Deus, classicamente, temos a vontade diretiva, quando ele diretamente atua e a permissiva, quando ele permite, mesmo que necessariamente não esteja o fato coincidente com sua vontade. Assim, é possível prever regimes ou mesmo a presença de governantes nem sempre compatíveis com Sua vontade diretiva.

²BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990. p. 162.

vs. 3-5: Porque os magistrados não são para temor, quando se faz o bem, e sim quando se faz o mal. Queres tu não temer a autoridade? Faze o bem e terás louvor dela, visto que a autoridade é ministro de Deus para teu bem. Entretanto, se fizeres o mal, teme; porque não é sem motivo que ela traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar o que pratica o mal. É necessário que lhe estejais sujeitos, não somente por causa do temor da punição, mas também por dever de consciência.

Isso significa que as autoridades existem para que a ordem seja estabelecida e mantida. O ponto aqui é que se a própria autoridade, em termos amplos, estabeleceu que pode ser questionada, como acima mencionamos, seguir a lei significa também que esta autoridade não é absoluta como no Regime Imperial. Então, se estamos vivendo e atuando em conformidade com a lei sedo justos e um governante não está, necessariamente não poderemos concordar e acionar os mecanismos democráticos para que o governante seja julgado. Situação inexistente no ambiente imperial.

vs. 6,7: Por esse motivo, também pagais tributos, porque são ministros de Deus, atendendo, constantemente, a este serviço. Pagai a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem respeito, respeito; a quem honra, honra.

A manutenção de um país é responsabilidade de seu povo e os governantes são “serviçais” para isso. Num Regime Democrático se o serviçal não cumpre com seu papel estará sujeito a ser julgado, existindo diversas Leis para isso. Se mistura o público com o privado, também. Por isso mesmo devemos a quem merece respeito e honra, a quem não merece já existem mecanismos e instrumentos para que ocorra a correção.

Em um regime democrático, qual é o nosso papel em relação aos governantes?

Assim, nosso papel hoje é respeitar os governantes, orar por eles (1 Tm 2.1,2), mas, levando-se em conta a análise do contexto externo ou interno e a revelação progressiva, não nos é tirado, em qualquer ensino bíblico, a capacidade de avaliarmos os governantes e seus auxiliares, seja no momento da escolha para o voto, seja durante o exercício da função para a qual foi eleito o governante.

Então, não podemos confundir os ensinamentos bíblicos e fazer aplicações equivocadas para hoje, sem passar pelo filtro de interpretação que leve em conta os princípios hermenêuticos, exegéticos e de crítica textual, assim como um músico profissional não aceitaria que chamássemos um som que reflete a nota Sol de que estamos tendo o som de Dó.

É necessário levarmos a sério a interpretação bíblica, assim como levamos as notas musicais, como os juizes levam a sério a interpretações das leis, para que não venhamos a incorrer em equívocos afirmando ser bíblico aquilo que não o é.

Neste momento nos é oportuno ainda demonstrar a aplicação equivocada do princípio da Reforma Protestante, que foi abraçado por nós Batistas, sobre a separação da igreja e do Estado. De forma magistral o Dr. Israel Belo de Azevedo, demonstra em seu livro “A celebração do indivíduo”, o absentismo batista brasileiro no campo da ética e da política. Esse princípio da Reforma Protestante precisa ser mais bem compreendido, pois não nos deve levar ao afastamento do mundo, da cidadania responsável quando optamos em permanecer em nossa “redoma” eclesial ficando alheios à vida do País, deixando que outros decidam por nós. O papel político, por exemplo, de Calvino em Genebra é um indicador da aplicação mais profunda desse princípio da Reforma.

Assim, temos deixado de cumprir nosso papel de sal e luz para nosso ambiente, deixando que outros, sem os mesmos valores éticos cristãos, decidam por nós em questões até mesmo que nos levam à fragilidade, tais como sobre a cultura de gênero, abortamento, combate à corrupção e tantas outras normativas que nos fragilizam e nos obrigam a seguir caminhos que diretamente confrontam com os ideais divinos.

Alguns lembretes:

- O que me preocupa não é o grito dos maus. É o silêncio dos bons. [Martin Luther King, líder batista]
- É na omissão dos bons que se fortalece a maldade dos maus. [Ivan Teorilang]
- Para o triunfo do mal só é necessário que os bons não façam nada. [Edmund Burke]

Em resumo, quando os bons se calam, os maus triunfam.

O que se pode esperar da atuação da igreja e dos crentes no mundo?

Os cristãos da igreja primitiva viviam intensamente o Evangelho a ponto de promover alterações no ambiente pelo qual passavam. Em geral era uma população nômade. Lamentavelmente se tem pensado que revolucionavam o mundo simplesmente porque pregavam o Evangelho, a Salvação. Eles pregavam, mas, muito mais, viviam o que pregavam. Assim, em At 17.6 temos: “...aqueles que transtornaram o mundo estão chegando entre nós...”. No original grego o verbo “transtornar” é virar algo de perna para o ar, revolucionar.

Pergunta importante: como nós evangélicos brasileiros temos cumprido isso? Se, como cristãos e igrejas, nossa influência fosse efetiva teríamos um País como o nosso hoje que vive cenário de caos, corrupção, jeitinho? E isso, digamos de passagem, já vem de longa data.

Me parece que, como cristãos e igrejas, estamos confortáveis em nosso “transe de final de semana” em nossos domingos, em nossos templos, pouco se importando em como o mundo está. Ficamos em pânico quando algum organismo, judicial, legislativo etc., vai discutir e aprovar algo que coloca em risco nossa fé. Aí agitamos as redes sociais, buscamos assinar digitalmente listas de protestos, queremos fazer barulho, mas, muitas vezes, será tarde.

Por que não temos na sociedade quantidade suficientes de líderes que de fato compreendem e aplicam profundamente os ideais e valores cristãos em sua vida? Não basta dizer que é cristão ou ter a assessoria de líderes e pastores evangélicos que nem conhecemos bem, muito menos suas intenções. Não basta ter um vocabulário cristão. É necessário ter estratégias eficazes e eficientes para resultados efetivos. Será que temos governantes e outros líderes do País que foram disciplinados como de fato cristãos para poderem exercer o seu papel de sal e luz? Ou vamos continuar fazendo barulho nas redes sociais quando temas como os que já mencionam vão para o campo das decisões que influenciarão todos os países. Aí deixamos nosso conforto eclesialístico, nossa redoma templocêntrica e dominical para agitarmos o pedaço. Em geral tem sido tarde demais.

Outra pergunta importante: por que não cumprimos com o que determina a Grande Comissão - fazer discípulos? Aliás, a visão salvacionista acabou nos ensinando equivocadamente que o imperativo da Grande Comissão é o verbo IR (no original grego, é particípio aoristo, que não tem significado imperativo), e

que se você não pode ir, então pague a conta dando oferta missionária. Assim, a consciência fica aplacada da culpa.

O imperativo aqui está mesmo no verbo perifrástico “FAZER DISCÍPULOS”. Só que para fazer discípulos, seguidores, é necessário ter vida exemplar, ser modelo em caráter, temperamento, escolhas, respeito ao próximo etc. Será que preferimos apenas dar para as pessoas uma espécie de apólice de seguro contra o incêndio do inferno, preparando-as para a volta de nosso Senhor, sem nos preocuparmos com o desenvolvimento de sua vida e maturidade, para que sejam modelos a serem seguidos? Será que transformamos Cristianismo em atividades, programas, estrutura e eventos que se tornaram fim em si mesmos, em vez de serem resultados de vida aos pés do altar diário (Rm 12.1ss)? Nesse rumo poderíamos dizer que a igreja e nós crentes devemos desenvolver um **ativismo discipular** para formar pessoas transformadas e transformadoras.

Será que o que vivemos **seria mais cristandade do que Cristianismo**?

Portanto, se seguissemos a Grande Comissão de forma literal estaríamos investindo menos em construção de templos majestosos, menos em ocupacionismo que tem transformado o dia do descanso e celebração em dia de cansaço e agitação, que se tornaram em um fim em si mesmos. Se seguissemos a Grande Comissão ao pé da letra estaríamos fazendo discípulos e modelos de Jesus (1 Cor 11.1) que refletiriam os ideais do Evangelho, os valores éticos cristãos, em seu exercício de cidadania e influência como sal e luz por onde estivessem, no exercício de suas atividades profissionais, familiares, como políticos, juízes, governantes, empresários, executivos etc.

Será que acabamos preferindo o caminho mais fácil do proselitismo para uma fé conceitual e racional, que nem sempre se reveste de prática vivencial e causadora de transformação no meio em que vivemos?

Assim, num momento como este, não basta ficarmos imobilizados dizendo apenas “vamos confiar em Deus”, “Deus é que colocou tal pessoa em tal cargo”, como se vivêssemos em uma teocracia. Ou mesmo contar a quantidade obtida de votos, sem contar o volume de competência e cumprimento de missão para a qual uma pessoa foi eleita ou escolhida. Essa estratégia política já está superada em um mundo em que a competência e a busca por resultados e cumprimento de missão organizacional são pilares. A gestão pública não pode mais viver das benesses tributárias que sacrificam a população, sem ao menos agir com competência que vai além da autoridade, mas é fruto da credibilidade pelos resultados alcançados. Governante nenhum é per-

feito, muito menos seus auxiliares. Não nos enganemos, não é nosso papel idolatrar qualquer governante ou imaginar que é um como um “messias”, salvador da pátria, pois em um mundo vulnerável, incerto, complexo e ambíguo³ em que vivemos, só mesmo dependendo de Deus é que poderemos obter segurança e esperança.

Afinal, quem manda no Brasil?

Será necessário termos claro discernimento sobre quem manda no Brasil e para será necessário levar em conta que, em regimes democráticos, a autoridade maior não está nos ocupantes temporais de um governo, mas na Constituição, que ao ser investido de um cargo todo governante jura lealdade e obediência.

Assim, ao eleger alguém para um determinado cargo o que se espera é que seja leal às leis do País, começando pela Constituição e depois pelas normatividades infraconstitucionais. A Constituição de um País democrático e as demais normatividades são discutidas e aprovadas pelos representantes do próprio povo ao serem por ele eleitos, portanto, por poder delegado.

Respondendo então à pergunta inicial, sobre quem manda no Brasil, é a Constituição e as leis infraconstitucionais e que, se espera que todo governante atue com sabedoria e respeito às leis estabelecidas, procurando por meios lícitos os ajustes legais que forem necessários em busca de um País cada vez melhor, que saiba mobilizar e unir pacificamente as diversas tendências políticas e sociais no País se valendo de diálogo, sem confrontações desnecessárias e agindo sem contradições como Estadista, que surpreenda positivamente, em busca de de um ambiente cada vez melhor para a Nação, sendo modelo ao se defrontar com oposições e contradições naturalmente presentes no cenário nacional como o nosso.

Como deve ser a nossa oração pelas autoridades conforme 1 Tm 2.1,2?

Então, nossa oração pelas autoridades (1 Tm 2.1,2), para que alcance os objetivos propostos pelo Apóstolo Paulo precisa ser bem objetiva, rogando incessantemente a Deus para que sejam sensatos, tenham estabilidade emocional, mas também no ato de liderar com sabedoria e equilíbrio pessoas que lhe estarão sujeitas, que,

³Mundo V.U.C.A. Acrônimo para descrever as características atuais do mundo disruptivo em que vivemos.

em geral, possuem elevado grau de experiência, portanto, sendo também criteriosas e exigentes; mas também que Deus lhe estimule a coerência em seu comando de um Município, Estado ou do País. Mais ainda, que cultivem a honestidade, a transparência, que saibam tomar decisões pessoais que não coloquem em risco sua autoridade, que, contrariamente, ampliem a confiança do povo em sua gestão e que “convertam” em apoiadores os que não foram seus eleitores, que não pratique o nepotismo parental ou de amigos, que saiba ser um Estadista não dando caso para situações e sentimentos pessoais, sabendo lidar com conflitos, críticas, pressões naturais de um País como o nosso, que traz, ao longo de sua história, elevado grau de fragilidade no campo da honestidade, da ética sadia; também que saiba lidar com a imprensa, que evite atitudes eleitoreiras, que saiba lidar com os que são contrários, não os tratando como adversários ou inimigos, como é comum na política, mas como sinalizadores de situações que poderão ser melhores tratadas; que saiba discernir entre líderes evangélicos bem intencionados dos que não se tem certeza de seus objetivos e que até apresentem um Evangelho, mas falseado; que compreendam suas limitações evitando responder a perguntas que não possuem respostas no momento; que tenha sabedoria em lidar com provocações sejam de quaisquer fontes. Enfim, que tenha acesso a conselheiros cristãos e aos ideais bíblicos e éticos cristãos e que estes ideais possam ser referenciais para suas decisões, sem, contudo, desenvolver espírito proselitista. Nossa oração tem de ser objetiva para que a gestão dos líderes públicos, das autoridades nos concedam os objetivos propostos pelo Apóstolo.

Mas também devemos orar pelos líderes evangélicos que porventura estejam próximo de qualquer autoridade, para que não aproveitem seu espaço de confiança neles depositado, para tirar proveito pessoal ou uso de influência de poder, mas tão somente sejam motivo de crescimento a tais governantes, sempre seguindo para isso valores bíblicos.

O amor como ponto de partida e equilíbrio!

O amor é o ponto de partida (Mc 12.27ss; Gl 5.22,23) e isso, mais do que paralisante, é mobilizador. O amor aponta para o futuro, para o preparo de nosso ambiente para futuras gerações. O amor inclui avaliação, não para acusar, mas para amar mais, para buscar mais alternativas, para ensinar a quem não está no caminho adequado.

O amor inclui também respeitar pessoas, domésticos ou não da fé, que penssem de forma diferente, evitando por todos os meios, humilhar, ofender, detratar, marginalizar estes, inclusive em redes sociais.

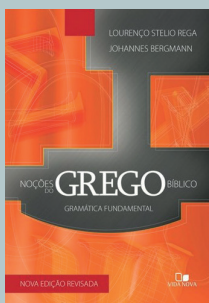
Tiago nos dá um conselho prático (1.19): *Portanto, meus amados irmãos, toda pessoa seja pronta para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar*. Procurando aplicar aos nossos dias, é possível dizer que devemos ser prontos para ouvir, mas **tardios em teclar**, muito menos em se irar contra nosso próximo, pois, após isso tudo passar como ficaremos nós? Como reconstruiremos as amizades desfeitas, a segregação, marginalização?

Que a nossa obsessão seja em seguir os ideais cristãos, estudar profundamente as Escrituras, viver para a glória de Deus e não em alimentar espírito messiânico para este ou aquele político, governante ou qualquer outra pessoa, pois o único e suficiente Messias que existiu foi nosso Proprietário Jesus Cristo.

Que tenhamos também cuidado em divulgar notícias sem a devida comprovação de sua veracidade, pois divulgar notícias falsas (*fake news*) é o mesmo que divulgar a mentira e isso, mesmo sendo em modalidade virtual ou digital, é igualmente pecado, desonesto e desvio do caminho da retidão. É o antigo ensino nos primeiros momentos do povo hebreu: *não espalhem notícias falsas, nem deem mão ao ímpio, para ser testemunha maldosa*. (Ex 23.31)

Enfim, se não refletirmos nos tornamos vítimas das ideologias dominantes! Que, neste momento, sejamos representantes dos ideais e valores cristãos, exercendo o amor, a influência como sal e luz, evitando colocar na Palavra de Deus interpretações que desconsideram princípios elevados que já foram consagradas em nossa história da Teologia.

Contatos:
WhatsApp: 11 9 4596 6688
E-mail: rega@batistas.org



Noções do grego bíblico é uma gramática fundamental para o estudo do grego do Novo Testamento e foi escrita sob medida para o aluno que vive no contexto educacional brasileiro. A preocupação dos autores está sempre voltada ao aluno: seja no método de ensino, seja na forma, seja no conteúdo.

Esta terceira edição passou por mais uma revisão cuidadosa, além da adequação ao Novo Acordo Ortográfico. Aproveitamos também para proporcionar ao estudante uma diagramação nova e moderna, de modo que a leitura se torne mais agradável. O website dedicado a *Noções do grego bíblico* também foi remodelado, mas continua oferecendo recursos complementares para o estudo, como fontes gregas, links para recursos de outros websites e a indicação de artigos pertinentes.



Lourenço Stelio Rega

Sobre o autor

Bacharel em Teologia (FTBSP / FTBP), Mestre em Teologia (FTBSP - especialização em Ética), pós-graduado em Administração de Empresas (FECAP-SP - núcleo de Análise de Sistemas), Licenciando em Filosofia (UNIFAI), Mestre em Educação (PUC-SP - especialização em História da Educação) e Doutor em Ciências da Religião (PUC-SP). É Diretor e professor de Ética, Bioética e Filosofia da Religião da Faculdade Teológica Batista de São Paulo. É autor do livro *Noções do grego bíblico: gramática fundamental*, publicada por Edições Vida Nova.

Uma abordagem redentiva e missiológica no livro de Jonas

Thomas Magnum



Introdução

Neste artigo seguimos uma abordagem pactual-redentora da mensagem revelada no Antigo Testamento. A teologia pactual se vale de uma hermenêutica que honra numa abordagem de teologia bíblica a progressividade e organicidade da revelação no AT. Com isso asseveramos que a mensagem do evangelho já estava presente ainda que não em sua completude consumada no plano redentor de Deus em Cristo, no Antigo Testamento, sendo indicada inicialmente pelo relacionamento pactual de Deus com Israel. Sendo verificada no pacto da Criação, no pacto Noaico, Abraâmico, Davidico até seu clímax na nova aliança, na morte e ressurreição de Jesus.

Nossa proposta neste artigo é realizar uma introdução teológica ao livro do profeta Jonas, bem como apontar no texto sagrado em tela a mensagem de redenção que fora endereçada aos ninivitas. Tentamos demonstrar também a relevância de uma hermenêutica histórico-redentora para uma abordagem do Antigo Testamento. Acreditando ser útil para o ministério da igreja local, seja em termos de pregação, aconselhamento, ensino doutrinário, evangelismo, missões, para a edificação da igreja e para o crescimento da piedade cristã bíblicamente orientada.

Entendemos que todo estudo teológico deve ter como finalidade a glória de Deus e a edificação do corpo de Cristo. Então a proposta deste artigo não é mera reflexão teológica, mas, uma abordagem pastoral para a obra do ministério, não apenas para o ministro, mas de todos os membros da igreja local. Que sirva para glória de Deus e edificação do corpo de Cristo, que é sua Igreja. Então nossa trajetória percorrerá estradas, caminhos e veredas.

I – Autoria, data e contexto histórico do livro de Jonas

Devemos reconhecer que não há plena concordância entre os estudiosos do Antigo Testamento sobre a datação do livro de Jonas. Sobre sua autoria, é concorde que o autor é desconhecido¹. O livro foi datado em vários pontos entre o século 8 e 3 a.C. Se reconhece que determinar a autoria e composição do livro é difícil. Mas é possível traçar algumas linhas de raciocínio em algumas pistas na própria Escritura sobre o assunto.

Da mesma maneira que outros livros dos profetas menores, Jonas não apresenta nenhum dado preciso com relação ao momento em que os acontecimentos registrados realmente se deram. No entanto, um indício importante para a apuração da data desses acontecimentos é o nome de Jonas, filho de Amitai (Jn 1.1). Significativamente, 2 Rs 14.25 refere-se a um profeta do mesmo nome, que profetizou durante o reinado de Jeroboão II (782/781-753 a.C), e é razoável supor que essas duas passagens aludem à mesma pessoa. Assim sendo, podemos atribuir os acontecimentos que subjazem o livro ao século VIII a.C².

Ainda há um dado apócrifo importante para o estudo do livro de Jonas, a existência do livro é claramente pressuposta numa afirmação encontrada em Eclesiástico 49.10, livro escrito pouco depois de 200 a.C, que se refere aos doze profetas, i.e., aos doze profetas menores³. Sobre o contexto histórico que temos a disposição, temos que fazer referência a cidade de Nínive.

¹BÍBLIA DE GENEVRA. Ed. Cultura Cristã. Barueri, SP. 2014, p. 1156.

²BACKER, David W.; ALEXANDER, T. Desmond; STURZ, Richard J. Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias. Série Cultura Bíblica. Ed. Vida Nova. São Paulo, 2011, p. 59.

³Ibdem, p. 60.

Nínive é a atual Tell Kuyunjik, localizada às margens do rio Tigre, cerca de 960 quilômetros, rio acima, do Golfo Pérsico, no norte do Iraque. No século 8, Nínive ainda não entrara em seu período de glória. No início do século 7, Senaqueribe transformou esse antigo centro cultural da deusa Ishtar na capital e a embelezou, ampliando-a para quase duzentos acres. A Assíria representara uma ameaça significativa para Israel no século 9 a.C. Israel fizera parte da coalizão ocidental que se opunha às tentativas de Salmaneser III de expandir seu império até a região mediterrânea. Em 841 a.C., o rei israelita Jeú submeteu-se ao controle assírio e pagou tributo. Nas décadas seguintes, porém, a Assíria foi enfraquecendo consideravelmente e, na época de Jeroboão II, muitas décadas haviam se passado sem que os israelitas sofressem oposição da Assíria⁴.

A Assíria tinha um poder bélico histórico, que causava realmente terror e repulsa as nações inimigas, por isso não é de admirar a resistência do profeta em ir a Nínive. Mas ainda precisamos aprofundar mais nossa compreensão do contexto histórico da cidade para termos mais condições de interpretar a mensagem de Jonas de forma redentora e uma manifestação da graça de Deus para um povo ímpio e que vivia em uma cultura soberba e contra o Deus de Israel.

Nas regiões situadas ao noroeste da Mesopotâmia viviam os assírios, um povo belicoso que usava os montes Zagros como fortaleza. Essas tribos semíticas estabeleceram-se na área antes de Sargão de Agade unificar a região inferior da Mesopotâmia. Eram orgulhosas e independentes. Por serem orgulhosos de sua herança, os Assírios conservavam registros cuidadosos da sua linhagem real. As listas desses reis assírios ajudam-nos a estabelecer datas de muitos eventos do Antigo Testamento. Tais listas mostram que os assírios começaram suas atividades bélicas no Oriente Próximo pouco tempo depois de terminada a dinastia de Hamurabi. Uma nação oriental conhecida como cassitas apoderou-se do controle de Babilônia por volta de 1750 a.C., e começou uma série de guerras com a Assíria que durou até 1211 a.C. Essas guerras abrangeram o tempo da escravidão de Israel no Egito, o Êxodo, a conquista de Canaã e os primeiros anos dos juízes. Ao mesmo tempo competia pelo controle do Oriente Próximo.

⁴WALTON, John; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark, W. Comentário Histórico-Cultural do Antigo Testamento. Ed. Vida Nova. São Paulo, 2018, p.1006.

As três nações – Assíria, Babilônia e Egito – puseram seus exércitos em marcha através da Palestina em sua busca da supremacia mundial⁵.

Entender o contexto histórico não apenas da época em que o livro foi escrito, bem como a própria história da Assíria será de muita importância para a interpretação de Jonas. Bem como identificarmos doutrinas ali contidas como revelação geral, pecado, revelação especial, pregação, arrependimento, redenção. Jonas estava sendo enviado por Deus a um povo rebelde, arrogante e blasfemo. O livro tem um forte teor missiológico que é de grande importância para uma reflexão amadurecida da pregação aos povos pagãos, bem como a identificação de uma teologia pactual do Antigo Testamento que norteia a missão da Igreja na história da salvação. A reflexão devida e ortodoxa das missões não deve ser fruto de experiências missionárias, embora estas tenham sua importância dos atos de Deus no tempo e espaço, mas deve brotar da compreensão da missão de Deus no mundo, revelada nas páginas da Escritura⁶. Sobre Nínive então podemos notificar:

A poderosa cidade de Nínive (construída por Ninrode, bisneto de Noé) apresenta-se-nos com mistério sobre pilha de mistério. Mesmo assim, à medida que os estudiosos reúnem as peças do quebra-cabeças, a exatidão da Bíblia se torna mais evidente. Nínive foi, sem a menor dúvida, uma das mais velhas cidades do mundo. O registro de seus começos remonta ao livro do Gênesis 10.11-12. O rio Côzer fluía em direção ao leste, desde o Tigre, passando por Nínive. Esses dois rios, mais um canal construído para levar água do Tigre até à margem do mudo ocidental da cidade, proviam água para fossos, fontes, irrigação e água potável. Em 1100 a.C. Nínive passou a ser uma residência real. Durante o reinado de Sargão II (722 – 705 a.C.) ela serviu como capital da Assíria. Senaqueribe (705 – 681 a.C.) amava Nínive de modo especial e fez dela a principal cidade do império⁷.

⁵PACKER, J.I; TENNEY, Merrill C.; WHITE, William, Jr. O Mundo do Antigo Testamento. Ed. Vida, São Paulo, 2002, pp.138, 139.

⁶Dois excelentes livros sobre o assunto deste parágrafo são de Christopher J. H. Wright: A Missão de Deus e A Missão do Povo de Deus, ed. Vida Nova.

⁷PACKER, J.I; TENNEY, Merrill C.; WHITE, William, Jr. O Mundo do Antigo Testamento. Ed. Vida, São Paulo, 2002, p. 139.

Consideremos também mais algumas questões históricas e literárias importante no livro de Jonas, segundo nos diz Robertson:

Jonas se distingue entre os livros proféticos de diversas maneiras. Em primeiro lugar, o livro se dedica quase exclusivamente a uma narrativa a respeito da vida do profeta, em vez de concentrar-se na mensagem do Senhor por meio do seu profeta. Nesse sentido, Jonas se parece mais com as narrativas a respeito dos profetas nos livros históricos da Bíblia do que com os livros que consistem principalmente em declarações proféticas. Esse fato de maneira alguma diminui a importância do livro, pois a mensagem é das poucas palavras vindas do Senhor no livro. O próprio Jonas torna-se um “sinal” para a cidade de Nínive que confirma a mensagem que ele traz. Assim como o Senhor decidiu ser misericordioso com uma cidade violenta como Nínive, se o povo se arrependesse. (...) O fato de ser comissionado a uma nação estrangeira define ainda outro elemento da singularidade de Jonas entre os livros proféticos. De forma significativa, Jonas é mencionado no livro dos Reis como quem profetizou a expansão do reino de Israel para os lados de Nínive (2 Rs 14.23-27). Mas agora ele deve ir e pregar a essa nação cruel e ameaçada para levar a um fim infeliz esse crescente reino de Israel⁸.

Este é um breve resumo da opulência da cidade, que depois da profecia de Jonas, evento registrado em Naum foi destruída. Essa introdução histórica ao período da profecia, bem como ao contexto cultural do que era a cidade nos ajudarão a refletirmos sobre a missão de Jonas, sobre sua pregação e os efeitos divinos que ela teve e qual é a importância disso para nós hoje.

II – A questão hermenêutica e teológica

Como pontuamos no acima temos no livro de Jonas claramente a mensagem de salvação para os gentios, a missão de Deus para todos os povos. No livro de Jonas a aplicação do salmo 67 pelo próprio Deus. O livro de Jonas, não nos mostra meramente um profeta missionário, mas um Deus em missão. Vale a pena citarmos aqui o salmo 67:

Que Deus tenha misericórdia de nós
e nos abençoe,

⁸ROBERTSON, O. Palmer. O Cristo dos Profetas. Ed. Clire. 2016, pp. 293,294.

e faça resplandecer
o seu rosto sobre nós,

para que sejam conhecidos na terra
os teus caminhos, ó Deus,
a tua salvação entre todas as nações.

Louvem-te os povos, ó Deus;
louvem-te todos os povos.

Exultem e cantem de alegria as nações,
pois governas os povos com justiça
e guias as nações na terra.

Louvem-te os povos, ó Deus;
louvem-te todos os povos.

Que a terra dê a sua colheita,
e Deus, o nosso Deus, nos abençoe!

Que Deus nos abençoe,
e o temam todos os confins da terra.

O próprio livro nos mostra o viés hermenêutico que a narrativa toma: a salvação dos gentios no Antigo Testamento. Nos diz Russell Shedd que “Devido ao seu conteúdo e espírito, o livro de Jonas revela a universalidade e a compaixão da graça de Deus”⁹. Greidanus nos ajuda nesta questão:

Deve estar claro a essa altura que nossa preocupação não é pregar Cristo e excluir “todo conselho de Deus”, mas ver todo conselho de Deus, com todos os seus ensinamentos, suas leis, profecias e visões, à luz de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, deve ser evidente que não podemos ler o Cristo encarnado de volta no texto do Antigo Testamento, o que seria uma eisegese, mas que devemos procurar meios legítimos de pregar Cristo a partir do Antigo Testamento no contexto do Novo

⁹BÍBLIA SHEDD. Ed. Vida Nova, São Paulo, 2005, p.1279.

Testamento. A interpretação histórico-redentora procura entender uma passagem do Antigo Testamento primeiramente dentro de seu próprio contexto histórico-cultural. Somente depois de termos ouvido uma passagem da forma como Israel a ouvia é que podemos ir adiante para compreender a mensagem nos contextos amplos de todo o cânon e da totalidade da história da redenção. É nesse ponto que surgem perguntas sobre Jesus Cristo, o cerne¹⁰.

Então ao abordarmos o texto profético de forma redentora, a intensão nunca será alegorizar o texto, nem força-lo, para de toda forma e a qualquer custo mostrar Cristo nele. A interpretação deve entender a passagem dentro do seu contexto cultural, literário, histórico e teológico. Greidanus continua:

Nesse nível mais amplo, a interpretação histórica é interpretação histórico-redentora e não pergunta “Qual era a mensagem original do autor para seus ouvintes?” e sim “Como o contexto de história da redenção desde a criação até a nova criação nos dá o significado contemporâneo desse texto?” O contexto da história redentora revelará continuidade bem como descontinuidade¹¹.

Esclarecida essa questão, temos que progredir um pouco mais. Sabedores que devemos levar em conta na interpretação à questão histórico-cultural e histórico-redentora uma abordagem redentiva para as os livros proféticos bem como os demais gêneros literários será de grande importância para a proclamação do Evangelho e para edificação da Igreja. Temos no livro de Jonas essa mensagem de juízo ao pecador impenitente que também proclama misericórdia da parte de Deus e redenção para aquele que confessa e deixa. Goldsworthy nos diz que:

A teologia bíblica nos capacita a descobrir como qualquer texto da Bíblia se relaciona conosco. Tendo em vista que Cristo é o ponto de referência fixo para a teologia, nosso interesse é em como o texto se relaciona com Cristo e como nós estamos relacionados com Cristo. As duas questões nos dirigem para o modo que Cristo entendia o evangelho. Ele enxergava como o cumprimento do Antigo Testamento e a chegada do reino de Deus, que exige nossa submissão.

¹⁰GREIDANUS, Sidney. Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento. Um método hermenêutico contemporâneo. Ed. Cultura Cristã, São Paulo, pp. 259,260.

¹¹Ibidem, p. 264.

Esse evangelho nos indica os aspectos da Bíblia que a teologia bíblica observa constantemente. São eles a literatura, ou as palavras do texto; a história, ou a narrativa bíblica; e a revelação transmitida por esses aspectos. A teologia bíblica começa com a palavra acerca de Cristo e procura entender de que modo o testemunho do Novo Testamento se relaciona com tudo o que Deus revelou no Antigo Testamento. Cristo nos oferece o padrão subjacente da teologia bíblica porque ele revela o interesse central da Bíblia na relação de Deus com a sua criação e, especialmente, com sua humanidade¹².

Essa abordagem interpretativa tem por finalidade a fidelidade a cerne da revelação de Deus na Escritura, ensinar aos homens sobre a criação, queda, redenção e consumação. Essa abordagem aplicada a Jonas também leva em conta os efeitos centrípetos e centrífugos da missão. A mensagem de Salvação sendo ensinada a todas as nações. O livro de Jonas é um ensaio do que aconteceria a todo força a partir do dia de Pentecostes, nos séculos seguintes até as missões modernas.

Vale pontuar aqui também a relação do mandato cultural com a proclamação a todos os povos que Yhaweh é rei soberano sobre as nações, aqui há o sentido missiológico do texto de Jonas. O mandato cultural visa todo serviço para glória de Deus, o cultivar e guardar se relaciona com todos os nossos empreendimentos e esforços culturais. A transformação da cultura não pode se dar de outra forma. Uma teologia pública sem uma teologia missional ficará incompleta. Admito que há importância para o exercício da teologia pública no contexto cultural “para levar todo entendimento cativo a Cristo” (2 Co 10.4,5), isso é de muita importância, mas como poderemos empreender uma redenção da cultura sem vidas transformadas pelo poder do evangelho?

A glorificação de Deus é o testemunho sobre quem Ele é e Sua revelação na criação, nas Escrituras e Sua obra redentora. Tudo que o cristão faz que expressa os atributos, o caráter e a natureza de Deus está associado à missão do próprio Criador. Logo, a Missão cristã abrange o envolvimento intencional do discípulo de Cristo em exibir a glória de Deus em suas habilidades técnicas, intelectuais, morais, culturais e, principalmente, evangelizadoras. Claro que isso exigiria uma

¹²GOLDSWORTHY, Graeme. Introdução à Teologia Bíblica. O desenvolvimento do evangelho em toda Escritura. Ed. Vida Nova, São Paulo, 2018, p.73.

profunda compreensão de como Cristo – que é “Senhor sobre tudo” (Abraham Kuyper) – afeta os diversos papéis sociais que um discípulo Seu pode exercer no mundo. Por outro lado, a fidelidade do cristão ao Mandato Cultural, ou seja, à ordem divina para operar na cultura – “cultivar o jardim” (Gn 2.15) – não pode entrar em conflito com a Grande Comissão (Mt 28.19). Pelo contrário: deve cooperar com ela. Jesus disse claramente no Sermão do Monte que ser “luz do mundo” significa que os homens veriam as nossas obras e glorificariam a Deus por isso (Mt 5.16). Abraham Kuyper, referindo-se ao testemunho da Igreja, dizia: “Aqui está uma cidade edificada sobre o monte, a qual cada homem pode ver a distância. Aqui está um sal santo que penetra em todas as direções reprimindo toda corrupção. E mesmo aquele que ainda não assimila a luz superior ou talvez feche os olhos para ela é admoestado com igual ênfase e em todas as coisas a dar glória ao nome do Senhor.”¹³

Tratemos então a partir desse ponto, propriamente da mensagem da redenção no texto de Jonas.

III – A mensagem da redenção em Jonas

Devemos levar em consideração nesse ponto o objetivo da mensagem de Jonas, olhando inicialmente para seu público primeiro, o povo de Israel. House diz que:

Essa cena ressalta o interesse do Senhor por Nínive. Ao mesmo tempo, destaca a ação divina direta na salvação de seres humanos. Deus interveio na vida de Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Davi e os profetas a fim de mudar a direção do futuro de Israel. O mesmo impulso aparece aqui, desta vez a favor do gentios. É assim que o tema principal do livro, a misericórdia de Yahweh com toda raça humana, surge logo na primeira perícope. A essa altura o profeta não aceita a visão do Senhor. Ele não expressa ideias como as de Isaías 19.19-25, nem compreende todas as implicações da própria confissão de que Yahweh criou o mundo. Sua ideia sobre Deus continua presa à sua terra e à sua cultura¹⁴.

¹³MIGUEL, Igor. <https://portal.povoselinguas.com.br/colunistas/igor-miguel/o-mandato-cultural/>

¹⁴HOUSE, Paul. Teologia do Antigo Testamento. Ed. Vida, São Paulo, 2005, pp.467,468.

Na opinião de House o objetivo de Deus era demonstrar graça aos gentios. Seria uma intervenção divina no povo de Nínive como Deus havia feito e convertido outrora os patriarcas. Ao avaliarmos a situação, precisamos considerar a Aliança que Deus tinha feito com seu povo desde Noé. Será que a ordem de Deus a Jonas para ir a Nínive é extraordinária quanto aos planos de Deus para a proliferação de seu reino? Vejamos o que diz Merrill:

O chamado de Jonas para ir a Nínive e pregar “contra ela, porque sua maldade subiu até minha presença” (Jn 1.2; cf. Gn 18.21) demonstra o início do intento interesse do Senhor nas nações do mundo. Isso não é de surpreender uma vez que a aliança abraâmica se centra na ideia de que, na semente de Abraão (ou seja, Israel), todas as nações da terra seriam abençoadas. Quão apropriado, portanto, que um profeta de Israel devesse trazer a mensagem de julgamento – e também de graça – para a maior nação do mundo do século VIII. Ao mesmo tempo, a estratégia da missão é um tanto diferente do padrão normal do Antigo Testamento visto que Israel devia essencialmente ser como um imã para o qual os povos seriam atraídos e, desse modo, atraídos para o Deus de Israel. No caso de Jonas, a ordem era para ir, talvez antecipando o modelo centrífugador da Igreja de alcançar os confins da terra com a mensagem do evangelho¹⁵.

Do que disse então Merrill, o livro de Jonas deve ser olhado de forma factual, à aliança abraâmica é mencionada apropriadamente. Com isso podemos extrair lições importantes sobre o conteúdo teológico do livro do profeta Jonas. Lições que ficam claras numa leitura mesmo superficial do livro (a) Deus é soberano e é do Deus da missão (cap. 1.2,3); (b) governa a natureza (cap. 1.4); (c) Ele é o Deus que se revela de forma geral (vv.4,5) e (d) especial redentoramente na pregação e conversão dos ninivitas; Deus é misericordioso (2.1,2; 3.1ss; 4.6-11) e gracioso para salvar. Não precisamos ir muito longe para deduzirmos todas essas verdades do texto.

Então devemos considerar que temos a nossa frente um Deus em missão, a missão de salvar povos parte dele mesmo, a iniciativa é dele mesmo, a direção é dele mesmo, o envio é ele mesmo quem faz, quem promove a pregação é ele mesmo e quem promove arrependimento é ele mesmo. É uma ação poderosa e

¹⁵MERRILL, Eugene H. Teologia do Antigo Testamento. Ed. Shedd Publicações. São Paulo, 2009, p.480.

soberana de Deus e que usa seres humanos providencialmente para expandir seu reino nos corações dos homens de todos os povos, tribos e nações. Mas vejamos também o que outros estudiosos pensam sobre o assunto, assim vamos traçando uma linha de pensamento de forma que identifiquemos os propósitos divinos para sua glorificação no mundo criado.

A Assíria era uma nação perversa. Do ponto de vista espiritual, os assírios eram politeístas, com traços de animismo. O seu principal deus era Asur e, com o tempo, o deus Marduque da Babilônia também passou a ser adorado. Havia um mal social, pois as casas que vendiam cerveja, bem como os bordéis prosperavam e a prática de sexo em lugares públicos era comum. A escravidão tinha um papel importante. Do ponto de vista cultural, a Assíria era bem desenvolvida; no aspecto militar, era equipada e forte. O tratamento desumano de cativos era comum; homens eram açoitados na presença de seus filhos; olhos eram arrancados; ganchos eram colocados no nariz e amarrados com cordões finos a uma corda mais grossa; este era o método assírio de manter os cativos subjugados enquanto eram levados para o cativeiro. Ao dirigir a Assíria para ser a vara de sua ira, o Deus Yahweh pediu o arrependimento dessa nação. Contudo, Jonas não desejava que os assírios se arrependessem. Assim ele fugiu (1.3). Jonas, um servo da aliança de Yahweh, conhecia o verdadeiro caráter de seu Senhor. O Deus Yahweh havia sido bondoso, compassivo, tardio em irar-se, repleto de amor e hesitante em mandar uma calamidade sobre os israelitas idólatras (Êx 32-34). Não seria o caso também com uma nação não-israelita (Jn 4.2,3)? Ao ouvir a mensagem do Deus Yahweh transmitida por Jonas, o rei de Nínive arrependeu-se, demonstrou remorso e pediu a todos os assírios que fizessem o mesmo (3.6-9). O Deus Yahweh poupou os assírios contritos. Também expressou preocupação com suas crianças e seu gado (4.11)¹⁶.

Como já foi dito acima, o livro mostra a grandiosa misericórdia de Deus, o livro sendo então escrito e entregue a Israel como livro inspirado por Deus para instrução do seu povo tinha a finalidade de lembra-los também o quanto Deus é misericordioso com seu povo e da mesma forma o é com as nações. Com o

¹⁶GRONINGEN, Gerard Van. Criação e Consumo, Vol. 2. Ed. Cultura Cristã, São Paulo, 2004, pp. 120,121.

cânon completo, no Novo Testamento e o Antigo Testamento, podemos analisar de forma una a mensagem de redenção para os povos no livro de Jonas, algo que também foi apontado no salmo 67. Deus é o Senhor de todas as nações, o salmo 2 nos diz que as nações são herança para o Cristo de Deus. E que as nações devem servir ao Senhor com alegria e temor, devem beijar o Filho (Sl 2.11).

Podemos apontar então elementos da revelação de Deus perfeitamente visualizados no livro de Jonas, temos a revelação geral sendo manifesta na tempestade e no terror sobre os marinheiros, temos a revelação especial presente tanto na fala do Senhor com o profeta, dando-lhe ordem para ir a Nínive, também na sua pregação e no convencimento para arrependimento do rei de Nínive. Temos também elementos factuais importantes no livro. Quando temos referência às crianças e aos animais. Isso pode apontar para o pacto da criação sendo mostrado no capítulo 1 de Gênesis, quando Deus ordena os mandatos – espiritual, social e cultural. Também temos referência aos mandatos nos dez mandamentos (Êx 20.1-17), nos mandamentos sobre o culto, para família e relações sociais, sobre o trabalho e contentamento com as bênçãos de Deus. Se continuarmos a desenvolver aplicações a partir de uma abordagem teocêntrica e factual (redentora), a pregação do Evangelho as nações visa primariamente o perdão dos pecados e conversão dos eleitos, a condenação dos ímpios, mas também a transformação da cultura pela bênção de Deus aos povos. A ordem de Deus nos salmos missiológicos é que as nações devem se alegrar em Deus, isso inclui não apenas seu culto público, mas toda sua vida como expressão de adoração a Deus.

Lidando ainda de forma redentora com o livro que temos como estudo, não podemos desconsiderar duas questões importantes. A primeira com relação a historicidade de Jonas e a segunda sobre o uso que Jesus faz do livro. As duas são complementares. A citação que Jesus faz do livro assevera sua canonicidade (Mt 12.39; 16.4; Lc 11.29). Essa é uma confirmação histórico-canônica importante. A segunda é em relação à comparação que ele faz de si com Jonas.

Numa época em que muitos israelitas se recusavam a obedecer à palavra profética que lhe fora dada, a libertação de Jonas de um peixe enorme após três dias e noites levou os ninivitas ao arrependimento. Jesus previu que sua própria futura libertação da sepultura, após três dias, levaria ao arrependimento

os gentios, conquanto muitos judeus ainda rejeitassem a sua palavra profética. De certa maneira, então, o relato de Jonas chamou seus leitores judeus ao arrependimento ao confirmar o ministério aos gentios, assim como Jesus e seus apóstolos haviam feito¹⁷.

Devemos devotar especial atenção a menção que o Senhor faz do texto de Jonas. Além de ter uma poderosa aplicação missiológica em relação aos gentios, temos luz sobre o uso que Jesus fez do Antigo Testamento, bem como o exemplo que temos em Lucas 24, da exposição redentora e de cumprimento profético que Cristo fez no caminho para Emaús.

Quando Jesus usa o relato de Jonas como o principal modelo para sua própria morte de três dias e posterior experiência de ressurreição, a realidade da experiência de Jonas é claramente removida do âmbito da irrelevância não histórica. Um olhar mais cuidadoso na escolha das palavras de Jesus com respeito à revelação da experiência de Jonas com a sua própria deve dissipar as dúvidas a respeito da afirmação de Jesus a respeito da realidade histórica dos eventos da vida de Jonas. O povo em volta de Jesus queria um sinal miraculoso da parte dele. O único sinal que lhes foi prometido não foi a mensagem, mas a pessoa do próprio Jonas confirme foi concedido aos ninivitas. O sinal de Jonas para Jesus refere-se à descida e vivificação do profeta como antecipação da sua própria morte e ressurreição. Se a descida de Jonas por três dias ao *Sheol* deve ser considerada como “ficção histórica”, então o paralelo com a experiência de Jesus inevitavelmente abre a porta para considerar seu sepultamento de três dias e subsequente ressurreição como sendo de caráter fictício também. Se o povo de Nínive de fato se arrependeu com a pregação de Jonas como Jesus afirmou, se um “juízo final” de fato vai ocorrer, no qual os ninivitas da geração de Jonas se sairão melhor do que os contemporâneos incrédulos de Jesus; se Jesus foi sepultado e ressurgiu dentre os mortos após três dias conforme o padrão da experiência de Jonas – então a maneira mais consistente de considerar o registro da descida de Jonas ao fundo do mar e seu ressurgimento torna-se completamente claro¹⁸.

¹⁷BÍBLIA DE GENEVRA. Ed. Cultura Cristã. Barueri, SP. 2014, p. 1157.

¹⁸ROBERTSON, O. Palmer. O Cristo dos Profetas. Ed. Clire. 2016, pp. 295, 296.

Minha intenção até aqui foi mostrar como o livro de Jonas revela o Evangelho ou mensagem da graça de Deus no Antigo Testamento. Que não devemos cair em erros como marcionismo ou maniqueísmo sobre a importância da revelação do AT para o NT. Temos uma mensagem poderosa de Gênesis a Malaquias que nos mostram criação, pecado, graça e restauração. Depois então dessa breve introdução a mensagem da redenção nesse livro bíblico, passaremos a fazer alguns apontamentos práticos para a Igreja de Jesus, no que se refere a proclamação do Evangelho de Deus e do avanço dessa proclamação as nações espalhadas pelo mundo, a todas as tribos, povos, línguas e nações.

IV – Apontamentos práticos

É um erro crer que não há mensagem da graça no Antigo Testamento. Depois da queda de Adão no Éden o que temos é graça. Uma abordagem a partir de uma teologia bíblica do Antigo Testamento nos dará uma direção norteadora para uma interpretação fiel ao propósito do Senhor em comunicar sua graça e salvação a todas as nações e salvar não apenas judeus, mas, gentios. Vos nos fala sobre os usos práticos da teologia bíblica, que acredito é cabível aqui para nossa reflexão:

- Ela exhibe o crescimento orgânico das verdades da revelação especial. Ao fazer isso, ela capacita a pessoa a distribuir adequadamente a ênfase dentre os diversos aspectos do ensino e da pregação.
- A teologia bíblica concede nova vida e vigor à verdade ao mostrá-la a nós em seu ambiente histórico cheio de interesse dramático. A familiaridade com a história da revelação nos habilitará a utilizar todo esse interesse dramático.
- A teologia bíblica pode contra-atacar a tendência antidoutrinária atual. Muita ênfase tem sido dada proporcionalmente aos aspectos espontâneos e emocionais da religião. A teologia bíblica dá testemunho à indispensabilidade da base doutrinária de nossa estrutura religiosa. Ela mostra quão grande cuidado Deus teve em suprir seu povo com um mundo novo de ideias. À vista disso, torna-se ímpio declarar a crença como sendo de menor importância.

- A teologia bíblica alivia, até certo ponto a situação triste da qual até as doutrinas fundamentais da fé parecem depender, principalmente do testemunho de textos prova. Existe um campo mais elevado no qual pontos de vista religiosos conflitantes poder ser avaliados quanto à sua legitimidade escriturística. Na sucessão dos eventos, esse sistema apoiará aquele que demonstrar ter crescido organicamente da raiz principal da revelação, e demonstrar estar entremeado com a própria fibra da religião bíblica.
- A utilidade prática mais elevada do estudo da teologia bíblica é aquela pertencente a ela no seu todo, além de sua utilidade para o estudante. Como em toda teologia, ela encontra sua finalidade suprema na glória de Deus. Ela atinge essa finalidade ao nos dar uma nova visão de Deus como aquele que apresenta um aspecto particular de sua natureza em relação com sua abordagem ao homem e comunicação com o mesmo¹⁹.

Dada a importância da teologia bíblica para a correta interpretação e entendimento da mensagem divina contida na Sagrada Escritura, podemos ainda expandir as aplicações para a vida da Igreja de Jesus. O livro de Jonas nos ensina sobre um Deus misericordioso com seu povo. Deus havia poupado miseridordiosamente Israel várias vezes em sua história, o salmo 78 nos mostra a grandeza da misericórdia, bondade, graça e amor de Deus por seu povo. Uma vida redimida deve ser vivida como redimida, a parábola do bom samaritano nos ensina muito sobre isso. A Bíblia nos fala várias vezes sobre as misericórdias de Deus, no plural porque ela se manifesta de várias formas e ocasiões. Como povo de Deus isso não pode ser ignorado por nós, mas, ao termos uma consciência cativa a essas verdades, jamais podemos ser uma igreja inerte quanto a misericórdia, principalmente com aqueles que perecem sem o evangelho de Cristo. Uma Igreja saudável é uma igreja que persevera – na doutrina, na oração, no partir do pão e na comunhão. Uma igreja saudável aprende de Cristo e ensina ao mundo quem é o Deus de toda misericórdia e graça.

O texto de Jonas também nos lembra que Deus é soberano. Ele governa corações, governa a natureza, governa os animais. Vemos como a revelação geral

¹⁹VOS, Geerhardus. Teologia Bíblica do Antigo e Novo Testamento. Ed. Cultura Cristã. São Paulo, 2010, pp.29,30.

e especial de Deus são demonstradas no livro de Jonas. Os marinheiros ficam aterrorizados com a tempestade, mas não sabem quem é aquele Deus, que é conhecido pela fala do profeta que queria fugir da missão. Ali temos revelação geral, que é eficaz, mas não é compreendida pelo homem caído, e que traz juízo (Rm 1.18ss), e temos revelação especial que se manifesta na confissão e proclamação da lei de Deus e de seus oráculos (Sl 19).

Notemos também que na teologia bíblica, bem como na teologia reformada, missões não é algo estranho à vida do povo de Deus. Não há na Bíblia distinção de ênfases para igrejas – uma igreja missionária, uma igreja doutrinária, uma igreja amorosa, uma igreja calorosa e hospitaleira. Tudo isso deve estar presente na igreja. Devemos reconhecer criticamente que há uma acomodação em maior parte das igrejas de confissão reformada quanto a evangelização e missões, historicamente isso é incompreensível, porque os maiores missionários da Igreja foram crentes nas doutrinas da graça. Temos um contrassenso estabelecido de igrejas racionalistas que não creem mais no poder do Espírito Santo e outras que são contra teologia. Isso não é bíblico, é carnal e até diabólico.

Conclusão

A glória da graça de Deus é evidenciada no Evangelho de Deus, o evangelho é revelado em Jesus Cristo. Onde está sendo proclamada a graça e onde ela se manifesta no Antigo Testamento é pacto da graça. Esse pacto levará povos, nações e culturas a adorar ao Deus todo poderoso porque Ele mesmo os criou e os redimiu, quero concluir com alguns textos sagrados do livro do Apocalipse:

Depois disso olhei, e diante de mim estava uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé, diante do trono e do Cordeiro, com vestes brancas e segurando palmas. E clamavam em alta voz: “A salvação pertence ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro”. Todos os anjos estavam em pé ao redor do trono, dos anciãos e dos quatro seres viventes. Eles se prostraram com o rosto em terra diante do trono e adoraram a Deus, dizendo: Amém! Louvor e glória, sabedoria, ação de graças, honra, poder e força sejam ao nosso Deus para todo o sempre. Amém!”²⁰.

²⁰Apocalipse 7. 9-12.

Ele se aproximou e recebeu o livro da mão direita daquele que estava assentado no trono. Ao recebê-lo, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro. Cada um deles tinha uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos; e eles cantavam um cântico novo: “Tu és digno de receber o livro e de abrir os seus selos, pois foste morto e com teu sangue compraste para Deus gente de toda tribo, língua, povo e nação. Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra”²¹.

Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus²².

Então o anjo me mostrou o rio da água da vida que, claro como cristal, fluía do trono de Deus e do Cordeiro, no meio da rua principal da cidade. De cada lado do rio estava a árvore da vida, que frutifica doze vezes por ano, uma por mês. As folhas da árvore servem para a cura das nações. Já não haverá maldição nenhuma. O trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade, e os seus servos o servirão. Eles verão a sua face, e o seu nome estará na testa deles²³.

Deus seja louvado pelos séculos dos séculos, Amém.



Thomas Magnum

Sobre o autor

É ministro evangélico e pastor auxiliar na Igreja Congregacional em Casa Amarela. Graduado em Teologia e Comunicação Social. Mestrando em Teologia e graduando em Filosofia. É professor de teologia em vários seminários em Recife, jornalista e casado com Kelly Gleyssy.

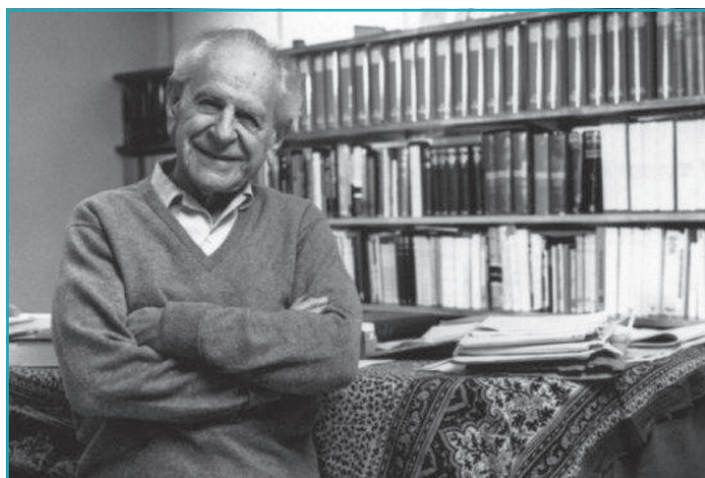
²¹Apocalipse 5.7-10.

²²Ibdem, 21.3.

²³Ibdem, 22.1,2.

Por que cristãos precisam ler Karl Popper

André Venâncio



“E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia.”

(Mt 7.26)

1. O problema

Em 1996 foi lançado no Brasil o livro *Convite à física*, do físico israelense Yoav Ben-Dov (1957-2016)¹. Trata-se de uma obra de divulgação científica para leigos que aborda a física de uma perspectiva histórica. Um prefácio muito interessante foi escrito por Henrique Lins de Barros, então diretor do Museu de Astronomia e Ciências Afins. Nele foi dito o seguinte:

O conceito de verdade com que a ciência trabalha é o de uma verdade efêmera e cambiante, que forjou uma história. Algo rigorosamente inadmissível em qualquer outra forma de descrição da natureza. Se lembrarmos que os textos sagrados são considerados definitivos, e que compete ao homem interpretá-los, vemos a diferença: na ciência, a verdade é passível de ser questionada e eventualmente substituída. Na religião, é necessário entender a verdade, pois

¹Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

ela é permanente e imutável. A ciência se dá ao luxo de questionar suas próprias premissas, de propor questões de fundamento, de levantar dúvidas sobre as ideias mais básicas, permitindo-se alterá-las; de certa maneira, torna-se um conhecimento frustrante. Qualquer teoria hoje aceita é passível de ser abandonada amanhã. As teorias podem ser postas em xeque, e podem perecer diante de um novo avanço².

Há nessas poucas palavras uma porção de equívocos, confusões e meias verdades cuja discussão poderia ocupar todo o presente artigo. Não sendo esse o objetivo, limito-me a mencionar três pontos principais:

1. Comparar teorias científicas a “textos sagrados” é impróprio. A analogia correta é, de um lado, entre os respectivos objetos de estudo (os textos sagrados e o mundo natural), e, do outro lado, entre os esforços interpretativos humanos (as teorias científicas e a teologia). Ao se deparar com uma dificuldade, o teólogo cristão digno do nome não acusa a Bíblia de contradição, assim como o cientista não acusa a natureza de contradição; o que ambos fazem é aprimorar suas teorias.

2. Do ponto de vista histórico, é gritantemente incorreta a sugestão de que as ciências naturais pré-modernas ou a teologia de qualquer época são imutáveis, indiferentes aos fatos ou desprovidas de embates internos e diálogo crítico.

3. É igualmente incorreta a descrição da ciência moderna como um empreendimento em que tudo pode ser questionado. O próprio prefaciador deixa isso claro nas palavras que se seguem imediatamente às transcritas acima:

Mas também não se deve pensar que a ciência seja uma terra de ninguém, onde qualquer ideia pode ser colocada na mesa. Não, a ciência tem suas normas e regras, seus códigos de conduta e seus valores, a fim de se preservar de qualquer aventureiro que nela venha a se intrometer. A ciência é para os especialistas e iniciados, embora possa e deva ser difundida para todos.

Essa admissão revela a natureza meramente retórica do contraste que ele havia tentado estabelecer entre a ciência e outras áreas.

Feitos esses esclarecimentos básicos, convém explicitar a visão da ciência transmitida nas palavras de Barros. Há três pontos que merecem destaque:

²Ibid., p. 9-10.

1. Elas apresentam uma imagem deveras popular do empreendimento científico como um terreno onde não há dogmas, onde a razão crítica pode operar livremente, onde a qualidade da argumentação e a força dos fatos são tudo o que importa para determinar o sucesso ou o fracasso de uma ideia; onde, conseqüentemente, todas as convicções são admitidas como provisórias, de forma que imperam a atitude cética e as virtudes do desapego e da humildade intelectual.

2. Essas características são apresentadas como aquilo que distingue a ciência de outros empreendimentos, em especial aqueles vistos em alguma medida como concorrentes; daí a referência explícita a outras formas “de descrição da natureza” e às religiões. É de especial interesse para o público cristão esse uso apologético de tal concepção de ciência, baseado no valor da ciência moderna e na percepção de que a mentalidade e os valores nela embutidos são não apenas incompatíveis com os valores propostos pela fé, mas também superiores a eles.

3. Há também a implicação crucial, embora velada, de que a ciência, em virtude dessa superioridade moral e metodológica, produz uma descrição mais verdadeira das coisas, ao passo que os “concorrentes” não são dignos de ser levados a sério. Trata-se de uma humildade estranha, pois é gritada a plenos pulmões e acompanhada da exigência de submissão. O ceticismo e a humildade se transmutam instantaneamente na convicção de posse exclusiva da verdade. Essa ambiguidade é uma das características mais marcantes do discurso cientificista moderno.

A ciência é um empreendimento de grande prestígio e impacto em nossa cultura, de modo que mesmo os cristãos não diretamente envolvidos com atividades científicas fazem bem em se interessar pelo tema e em se esforçar para compreendê-lo de um ponto de vista radicalmente bíblico. Porém, a concepção de ciência que nos é frequentemente apresentada pressupõe a validade de uma porção de conceitos, que dizem respeito não só às proposições científicas propriamente ditas, mas também às áreas correlatas de história, filosofia e sociologia da ciência. Compreender todas essas interrelações de modo intelectualmente responsável é uma tarefa árdua e desafiadora.

2. Objetivo

Meu objetivo neste artigo é bem mais pontual e modesto, pois não vai além de estimular o interesse por uma dessas áreas, a filosofia da ciência. Para tanto, pretendo fornecer alguns elementos capazes de ilustrar o benefício que tal interesse pode

trazer para uma reflexão cristã sadia sobre o tema, de modo a evitarmos com mais facilidade toda uma tradição retórica enganosa. Farei isso a partir de uma breve discussão de alguns aspectos da obra do filósofo austríaco Karl Popper (1902-1994). Ele não é meu filósofo da ciência preferido³, mas o escolhi por quatro razões:

1. É um dos mais influentes do século XX.

2. Ainda que muitos de seus posicionamentos e argumentos sejam problemáticos, sempre aprendo muito com ele, inclusive enquanto modelo de humildade e honestidade intelectuais. Seu exemplo é um excelente antídoto a todas as tentativas de filosofar no grito, algo que considero urgente no atual cenário cultural brasileiro.

3. O conteúdo de seu pensamento está diretamente relacionado à concepção de ciência promovida por Barros, entre tantos outros. Isso não significa que Popper endossaria esse discurso. Significa, porém, que esse discurso pode ser adequadamente descrito como uma versão ultrassimplificada, ideologizada e degradada de algumas ideias do filósofo austríaco. Expor essa degradação, ainda que de modo não exaustivo, é parte importante da tarefa do presente artigo, embora, como será visto adiante, não seja um fim em si.

4. Essa razão é mais pessoal ou biográfica. A primeira grande questão intelectual da minha vida, com que me defrontei ainda na adolescência, foi o debate sobre criação e evolução. Ao considerar os argumentos de todos os posicionamentos envolvidos, logo me chamou a atenção o fato de que a discussão quase nunca se atinha aos méritos científicos de uma ou outra proposta. Cada lado argumentava não apenas que o outro estava equivocado em seus argumentos científicos, mas também que estes nem eram, na verdade, científicos de fato. Fiquei ainda mais surpreso ao constatar que ambos os lados recorriam frequentemente a Popper para justificar sua acusação. Pareceu-me, então, que Popper era o homem unanimemente reconhecido como aquele que sabe o que é ciência e o que não é. Foi assim que me dei conta, pela primeira vez, de que uma discussão científica sem

³Embora isso fuja ao propósito do presente artigo, é importante destacar que Popper também tem uma obra considerável no campo da filosofia política. Para uma boa discussão sobre a complexa e algo intrigante relação entre essas duas metades de sua obra, cf. OLIVEIRA, Paulo Eduardo de. Da ética à ciência: uma nova leitura de Karl Popper (São Paulo: Paulus, 2011).

reflexão filosófica prévia não era suficiente. Teve início então meu interesse por filosofia da ciência e, na verdade, por filosofia em geral.

3. Positivismo lógico

De fato, a contribuição mais conhecida e debatida de Popper para a filosofia da ciência é aquilo que ele chamava de “critério de demarcação”, capaz de distinguir a ciência das demais atividades humanas. O próprio Popper dava grande importância a esse critério, voltando a discuti-lo com frequência e considerando-o como a solução para o segundo de *Os dois problemas fundamentais da teoria do conhecimento* (esse é o título de um de seus livros⁴). Mas o segundo problema, o da demarcação, é frequentemente dissociado do primeiro, e isso faz com que as ideias do filósofo sejam mal representadas. É necessário dar um passo atrás neste momento e contextualizar brevemente o primeiro problema, o da indução.

Popper era vienense e tomou contato bem cedo com o Círculo de Viena, grupo de intelectuais constituído nos anos 20 que defendia a filosofia denominada “positivismo lógico”. Essa corrente conjugava influências variadas e propunha uma epistemologia fortemente cientificista: para seus representantes, o conhecimento científico é constituído de proposições demonstravelmente verdadeiras, fundadas na articulação lógica a partir de fatos. A indução é o procedimento correto pelo qual se pode passar de conjuntos de proposições particulares, como “esta maçã caiu” ou “aquele planeta se moveu seguindo tal trajetória”, para leis universalmente verdadeiras, como “todos os corpos se atraem mutuamente segundo tal equação”. Todas as proposições que não atendem esse requisito são desprovidas de significado, porque não fundadas racionalmente nos fatos. Daí a importância, para essa escola, do seguinte critério de demarcação: proposições científicas são aquelas decidíveis como verdadeiras ou falsas; o resto é metafísica, palavra que nesse meio possui conotação quase pejorativa, pois denota um domínio sobre o qual é inútil falar, já que nada ali pode ser estabelecido como verdadeiro ou falso⁵.

⁴São Paulo: Unesp, 2013.

⁵Essa visão influencia ainda hoje a retórica antirreligiosa abundante no mundo das ciências exatas, em que a palavra “metafísica” continua tendo conotação negativa (a tal ponto que muitos não sabem que o termo possui outras acepções) e o discurso não-científico é frequentemente descrito como sem significado, e não apenas como falso.

4. Crítica ao positivismo lógico

Popper se insurgiu contra o positivismo lógico de várias maneiras. Ele atacou o princípio da indução defendendo que não há meio seguro (e muito menos infalível) de obter uma proposição universal verdadeira a partir de um conjunto de proposições particulares. Popper resolveu o problema da indução declarando-o sem solução. Consequentemente, não se pode demonstrar que as proposições universais sejam verdadeiras, embora se possa demonstrar que são falsas mediante um único contra-exemplo. Todas as hipóteses ou leis científicas são, pois, conjecturas sujeitas à refutação, mas jamais à verificação (ou “comprovação”, como diríamos em linguagem menos técnica). Por causa dessa assimetria fundamental, não são “decidíveis” como dizia o Círculo de Viena.

Em decorrência disso, o critério de demarcação do positivismo lógico também não se sustenta. As proposições científicas não se distinguem das demais por serem decidíveis, pois não são; nem por serem as únicas a ter significado, já que Popper negou isso e criticou severamente o significado da palavra “significado” na terminologia do positivismo lógico⁶. Popper admitiu a importância de um critério de demarcação, mas o reformulou nos seguintes termos: uma proposição científica é aquela que não pode ser verificada, mas pode ser refutada. Se podemos conceber experimentos ou observações cujo resultado possa refutar uma proposição, ela é científica; se nenhum experimento ou observação concebível pode refutá-la, ela é metafísica⁷.

⁶Por causa dessa divergência, e citando a afirmação de John Passmore de que “O positivismo lógico [...] está morto”, Popper reivindicou para si o mérito de tê-lo matado. Cf. sua Autobiografia intelectual (São Paulo: Cultrix-Edusp, 1977, pp. 95-8. Cf. também a crítica ao primeiro Wittgenstein em Os dois problemas fundamentais da teoria do conhecimento, pp. 342-53.

⁷É importante notar que aqui a palavra “metafísica” não tem mais a conotação de “sem sentido”, e a proposição metafísica pode muito bem ser verdadeira; apenas não há meios objetivos de convencer os que duvidam dela. Esse aspecto é frequentemente ignorado por muitos que adotam superficialmente as ideias de Popper com fins apologeticos ao mesmo tempo em que continuam firmemente apegados a uma estrutura geral de pensamento positivista. O resultado é que, contra a intenção do filósofo e de modo inconsistente com seu pensamento, falam no critério de demarcação popperiano ao mesmo tempo em que condenam o que é extracientífico como falso ou sem significado.

Esse é o núcleo da epistemologia de Popper, e ele a expandiu em várias direções. Aqui é suficiente destacar alguns pontos, começando por seu foco no caráter precariamente conjectural das proposições científicas e sua consciência de que até as mais solidamente confirmadas estão muito aquém da verdade: “nossas oportunidades de encontrar regularidades verdadeiras são escassas, e nossas teorias conterão muitos enganos”⁸; “Temos mesmo boas razões para pensar que, na maior parte, nossas teorias — mesmo nossas melhores teorias — são, estritamente falando, falsas; pois supersimplificam ou idealizam os fatos”⁹. Ele afirmou que a ousadia é parte do método científico e sempre encorajou o desapego em relação às proposições da ciência. Na verdade, ele afirmou repetidamente que o cientista deve se empenhar em refutar as teorias vigentes, pois só daí poderiam resultar teorias melhores: “o método da ciência é o método de conjecturas ousadas e de tentativas engenhosas e severas para refutá-las”¹⁰. Seu compromisso básico sempre foi com a argumentação crítica.

5. Apreciação de Popper

É fácil ver a afinidade entre esse aspecto do pensamento de Popper e a exaltação da humildade não-dogmática pela ciência nas palavras de Barros. Há outras afinidades importantes que poderiam ser citadas. Por exemplo, Popper não tinha interesse em religião e a estrutura de seu pensamento é basicamente materialista¹¹. E, embora não fosse um cientificista consumado (como eram os positivistas lógicos), a ciência ocupava um papel desproporcional em sua epistemologia¹².

A diferença fundamental é que Popper, ao contrário de todos os que endossam o discurso do prefaciador, não adotava um tom apologético em relação à ciência enquanto instituição. Ele sequer tinha interesse em discussões desse tipo, pois era um filósofo, não um ideólogo ou propagandista. Essa qualidade beneficiou

⁸Conhecimento objetivo, p. 22.

⁹Ibid., p. 292.

¹⁰Ibid., p. 84.

¹¹Há aspectos do pensamento de Popper que não combinam bem com seu materialismo, como sua teoria dos três mundos, mas ele não parece ter discernido isso com suficiente clareza.

¹²Creio que é aproximadamente correto dizer que ele não negava a existência de outras formas de conhecimento, mas considerava o conhecimento científico como o mais importante, o mais certo e o de maior interesse para uma teoria do conhecimento.

seu pensamento com uma profundidade cheia de nuances. Algumas delas serão mencionadas aqui por permitirem uma visão mais realista da ciência e, ao mesmo tempo, uma compreensão mais crítica da filosofia do próprio Popper.

O caráter retórico das palavras do prefaciador se evidencia no fato mesmo de se apresentar como uma descrição séria e realista da comunidade científica e da mente do cientista individual. Esse discurso varre para debaixo do tapete posturas como a do eminente biólogo japonês Motoo Kimura, que um amigo próximo descreveu nos seguintes termos: “Aqueles que se opunham às suas ideias eram seus inimigos, em particular pessoas [...] que forneceram os argumentos mais fortes contra sua teoria”¹³. É revelador o fato de que isso não impediu Kimura de ser um dos biólogos mais eminentes do século XX. Trata-se de uma postura relativamente comum, ainda que geralmente em formas menos extremas. Quem tem experiência de vida no mundo acadêmico não se surpreende com isso; apenas a ideologia cientificista se escandaliza.

Popper não tinha nenhum interesse em idealizar a conduta de cientistas reais. Ele defendia seriamente que os aspectos emocionais, culturais, históricos e psicológicos são muito pouco relevantes para a teoria do conhecimento. Em relação à ciência real, praticada por indivíduos e comunidades reais, pode-se dizer que a postura de Popper era predominantemente normativa: ele cria que sua filosofia, se conscientemente endossada pelos pesquisadores, podia levar o conhecimento científico a crescer mais depressa. Enquanto o olhar de Thomas Kuhn (1922-1996), por exemplo, era mais sociológico, interessado em entender como a ciência funciona, o de Popper era epistemológico, interessado em dizer como ela deveria funcionar segundo sua lógica interna, fazendo abstração de tudo aquilo que é eminentemente pessoal. Popper era um racionalista e, como tal, inclinado a sustentar que a subjetividade é supérflua ou mesmo danosa. Por conseguinte, toda a dimensão pessoal do empreendimento científico, que foi brilhantemente explorada por Michael Polanyi (1891-1976)¹⁴, está propositalmente ausente do

¹³CROW, James F. “Motoo Kimura and the Rise of Neutralism”, in HARMAN, Oren e DIETRICH, Michael R. *Rebels, Mavericks, and Heretics in Biology*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2008.

¹⁴Cf. esp. seu *Personal Knowledge: towards a Post-Critical Philosophy* (Londres e Nova York: Routledge, 1962).

campo de interesses de Popper. Desse modo, sua teoria permanece terrivelmente limitada enquanto descrição da essência do empreendimento científico.

6. Limitações de Popper

A aplicação da filosofia de Popper aos casos científicos concretos também se mostra mais complicada do que parece à primeira vista, como ele próprio reconhecia:

[...] ao tentar aplicar isto a situações práticas que surgem em ciência, vamos de encontro a problemas de tipo diferente. Por exemplo, a relação entre asserções de teste e teorias pode não ser tão nítida quanto aqui se admite; ou as próprias asserções de teste podem ser criticadas. Este é o tipo de problema que sempre surge quando queremos *aplicar* a lógica pura a qualquer situação da vida. Em conexão com a ciência, isto leva ao que tenho chamado *regras metodológicas*, as regras da discussão crítica¹⁵.

Portanto, parece que sua intenção era muito mais flexível e realista do que pretendem certos discursos romaneados sobre a atividade científica. Historicamente, muitos grandes cientistas contribuíram para fazer triunfar suas teorias valendo-se justamente daquilo que foi condenado por Popper e por todos os partidários do objetivismo científico: apriorismo, teimosia, parcialidade, retórica, às vezes até ataques pessoais. Curiosamente, Popper também percebeu o valor dessas coisas, embora tal percepção não tenha tido efeito sobre sua teoria do conhecimento:

Fui levado assim à ideia de *regras metodológicas* e da importância fundamental de uma abordagem crítica; isto é, de uma abordagem que evitasse a política de imunizar nossas teorias contra a refutação. Ao mesmo tempo, verifiquei também o oposto: o valor de uma atitude *dogmática*; alguém teria de defender uma teoria contra a crítica, ou ela sucumbiria com demasiada facilidade antes de poder dar suas contribuições ao crescimento da ciência¹⁶.

Em alguns momentos de especial lucidez, embora esse fato não tenha sido devidamente integrado à sua filosofia, Popper intuiu corretamente que a atividade

¹⁵Conhecimento objetivo, p. 27.

¹⁶Ibid., p. 40.

científica não dispensa um elemento de pessoalidade (ou, como ele diria, de subjetividade), e que este é, na verdade, determinante:

A base empírica da ciência objetiva *não é algo absoluto*. A ciência não se constrói sobre rocha dura. O conjunto do edifício, a construção quase sempre fantásticamente corajosa de suas teorias, se erige sobre um pântano. Os fundamentos são pilares fincados (de cima para baixo) no pântano; não em um fundamento natural “dado”, mas tão fundo quanto seja necessário para sustentar o edifício. Não paramos de fincar mais fundo porque encontramos uma camada sólida, mas *decidimos* ficar satisfeitos com sua solidez, porque *esperamos* que eles sustentem o edifício¹⁷.

Mais que mera subjetividade, há aí um claro elemento de fé epistemológica. Popper não admitiria isso, mas seu uso das palavras “decidimos” e “esperamos” denuncia a dimensão fiduciária. Não tendo uma verdade divinamente revelada para colocar na base de sua teoria do conhecimento, resta apenas a triste e irracional esperança de que sejamos capazes de fazer as conjecturas ousadas corretas. Um de seus dogmas fundamentais é o de que “Não há fontes autorizadas de conhecimento e nenhuma ‘fonte’ é particularmente digna de fé. [...] nada é seguro e somos todos falíveis”¹⁸. Aqui caem bem as observações do teólogo e apologeta Cornelius Van Til (1895-1987)¹⁹ sobre a insuperável dubiedade de toda epistemologia não redimida por Cristo: por trás do ostensivo racionalismo objetivista de Popper há nada menos que um irracionalismo subjetivista, que raramente vem à luz, mas que está no controle de todo o seu sistema.

Essas considerações enfraquecem a possibilidade e mesmo a pertinência de um critério de demarcação rígido entre a ciência e as demais atividades humanas. Muitas questões mais técnicas poderiam ser discutidas neste ponto, mas direi apenas que a definição do que é ou não refutável está sujeita a desacordos e debates. Embora se fale tanto em “método científico”, o que existe na verdade é uma enorme variedade de métodos, com graus igualmente variados de falseabilidade. O objetivismo de Popper não dá conta das complexidades do julgamento pessoal.

¹⁷Os dois problemas fundamentais da teoria do conhecimento, p. 156.

¹⁸Conhecimento objetivo, p. 133.

¹⁹Cf. Apologética cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, pp. 123-4.

Isso pode ser visto no fato de que cientistas competentes e bem informados de uma mesma área não só muitas vezes preferem teorias contrastantes, mas também contestam a cientificidade da teoria rival. Além disso, não é fácil dizer em que consiste exatamente uma refutação, nem é óbvio que isso só exista dentro da ciência natural moderna. Popper nunca chegou a ver isso com a devida clareza e profundidade; entretanto, depois de escrever seu livro mais famoso²⁰, ele se convenceu de que há espaço de sobra para o exercício da argumentação racional e do “pensamento crítico” naquilo que ele considerava terreno metafísico²¹.

O critério de demarcação era muito importante para Popper porque ele estava perto demais do cientificismo, apesar de tudo. Para outros, ainda mais cientificistas, essa demarcação é de importância absolutamente crucial, e a impossibilidade de traçar uma linha nítida e isenta de problemas é uma das causas do grande desconforto que se procura disfarçar pela retórica inflamada contra a ameaça da religião e da metafísica.

7. Relevância para os cristãos

O cristão, no entanto, pode abordar o tema com mais serenidade, pois não se vê obrigado a tratar a ciência moderna com tamanha distinção e reverência. A discussão sobre critérios de demarcação pode ser filosoficamente interessante e nos ajudar a discernir melhor as especificidades legítimas da ciência. Nesse sentido creio a obra de Popper, com as devidas ressalvas, tem importantes contribuições a oferecer. Mais importante que isso, porém, é que as ênfases de Popper na precariedade e ousadia das conjecturas científicas e na humildade que deve resultar daí são lições preciosas que devem ser aprendidas de modo legítimo e pleno. Mas isso inclui evitar toda a perversa e por vezes sutil ambiguidade retórica do discurso ideológico cientificista. Os melhores momentos da ciência moderna são os de uma humildade mais autêntica. Para o cristão, livrar-se do cientificismo é livrar-se de uma idolatria. E, visto que todo ídolo oprime, a experiência de deixá-lo de lado é verdadeiramente libertadora.

²⁰A lógica da pesquisa científica (São Paulo, Cultrix, 2007).

²¹Cf. também Conhecimento objetivo, pp. 46-51, onde ele apresenta argumentos que considera racionais e convincentes em favor do “realismo”, mas prefere qualificar seu realismo como “metafísico”, e não “científico”.



André Venâncio

Sobre o autor

É mestre em física aplicada pela USP. Desde 2007 escreve em seu blog “Retratos por escrito” sobre uma variedade de temas ligados à cosmovisão cristã. É casado com Norma Braga Venâncio e reside atualmente em Natal. É membro da Igreja Presbiteriana do Pirangi.

Pessoas comuns *versus* elite: um conflito que não pode ser ignorado

Warton Hertz de Oliveira



Deixe em suspenso qualquer possível ligação com político ‘a’ ou ‘b’ e seus partidos. Atualmente há uma agenda populista que está sendo pautada pelo cidadão contra as elites e que excede o espectro ideológico. Com o advento das redes sociais, o povo está se fazendo notar como um conjunto de pessoas reais e pretende não mais permitir o uso de seu nome como um ente abstrato que justifica medidas arbitrariamente determinadas por políticos e burocratas da administração pública. O populismo é um fenômeno sociológico que transcende épocas e instituições. No Brasil muito se analisa o seu vínculo com as personalidades políticas e pouco se fala de sua relação com seu principal alvo de interesse, a pessoa comum. Contudo, em uma sociedade livre pessoas comuns exigirão respeito aos seus direitos. Elas procurarão quem represente seus valores e esteja atento às suas necessidades mais elementares¹. Ao longo deste artigo vamos

¹No dicionário Webster, o populista é definido como “1: um membro de um partido político reivindicando representar as pessoas comuns”; e “2: alguém que crê nos direitos, na sabedoria, ou nas virtudes das pessoas comuns”. (Tradução minha). Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/populism>. Acesso em: 31 de maio de 2020.

considerar alguns fatos do mundo atual e da história enquanto analisamos sua relação com o que está ocorrendo em nosso país.

Nos Estados Unidos o movimento do *Tea Party* tornou-se o principal catalisador das insatisfações do *average citizen*, o cidadão médio. Apesar de ser fundamentalmente apontado como um movimento de dentro do Partido Republicano, sua ligação com o *Tea Party* foi de inchar os números deste grupo porque abriga mais conservadores patriotas do que o seu rival Democrata. Para se ter uma ideia, em 2008, alguma coisa entre 1/4 e 1/3 de seus membros haviam votado por Barack Obama². Mas há uma coisa que os uniu: são pessoas que trabalham duro pagar suas contas e que acharam um meio de se organizar na luta contra os altos impostos e o inchaço do Estado que fazem a vida da *average family* mais difícil. É revelador o desabafo desse homem de 56 anos de idade, proprietário de um pequeno negócio, que dá o título à obra “*Mad as Hell – How the Tea Party Movement Is Fundamentally Remaking Our Two-Party System*”:

Eu não sou um Republicano, eu não sou um democrata, eu sou americano. Eu estou aqui porque eu acredito que precisamos fazer algo sobre o que está acontecendo em nosso país. E eu percebo que milhões de pessoas ao redor do país querem isso também. Toda vez que eu venho a um comício, eu pergunto às pessoas, “Você já esteve em comício político antes? Você já saiu para se levantar por sua família e país e dizer: Eu preciso ser ouvido!”, e todas as vezes, aproximadamente 90 por cento diz que não. Não somos racistas ou intolerantes, não somos marionetes, e não somos zelotes de direita marginalizados. Nós somos apenas americanos trabalhadores ordinários que amamos nosso país, mas que estamos *zangados como o inferno*!³

Independente dos rumos que o *Tea Party* tomou na última década - e discute-se após a eleição de Trump se ainda é viável ou necessária sua continuidade, ele foi a manifestação de uma forte tendência que se concretizou durante

²Rasmussen, Scott; Shoen, Dougual. *Mad as Hell - How the Tea Party Movement Is Fundamentally Remaking Our Two-Party System*. Introdução. 2010, HarperCollins e-books. Kindle Edition. Interessante saber que um autor desta obra é republicano e o outro democrata, o que confere mais credibilidade à sua pesquisa.

³Idem.

os últimos anos no mundo todo. A rebelião contra as elites é uma ocorrência global. Na Europa, o populismo tem se manifestado em diversos países, cada qual com as peculiaridades que dizem respeito à sua nação. Na França a revolta dos Coletes Amarelos começou como um protesto contra a alta dos impostos sobre os combustíveis e acabou incorporando um sentimento *anti-establishment*. No Reino Unido a vitória do *Brexit* foi um duro golpe contra a União Europeia e seu projeto de unificação econômica e política do continente. O novo populismo tem se revelado essencialmente nacionalista. E engana-se quem tenta relacioná-lo ao nacionalismo fascista do século passado, que centralizava suas esperanças na liderança do Estado (“tudo no Estado, nada contra o Estado, e nada fora do Estado”). O nacionalismo deste século ergue-se pelos valores tradicionais que construíram cada povo e está alinhado com o sentimento de preservação da cultura. Define-se pela ideia de uma sociedade livre das amarras de um Estado que não deveria jamais interferir na liberdade e direitos fundamentais de seus cidadãos. Grita contra um mundo globalizado que custa caro ao cidadão comum com suas fronteiras enfraquecidas e a consequente perda de empregos para mão-de-obra barata de imigrantes que entram com poucos critérios em seus países, bem como pela transferência de suas indústrias para outras localidades.

Steve Turley, escritor, educador e comentarista político, ao falar sobre a decisão de Elon Musk de desobedecer a decisão do Condado de Alameda, onde a principal planta da Tesla está localizada na Califórnia, afirma que a resistência à imposição dos *lockdowns* por conta do coronavírus está apenas aumentando os sentimentos populistas de desconfiança contra a elite que já existia muito antes da pandemia. Turley faz uma análise do quadro norte-americano e global ao trazer dados e informações muito interessantes:

Parece que Musk está acordando para o que centenas de milhões de pessoas têm se despertado no mundo inteiro: o que um número de acadêmicos está chamando de uma insurreição populista em massa. Os pesquisadores Scott Rasmussen e Doug Schoen estavam à frente da curva quando publicaram seu livro *Mad as Hell* lá atrás em 2010. Rasmussen e Schoen encontraram dados substanciais aqui nos Estados Unidos que mostraram uma importante mudança de paradigma ocorrendo no eleitorado americano, em que a velha divisão política entre esquerda *versus* direita ou progressistas *versus* conservadores estava morrendo: uma divisão entre a classe política *versus* o povo, os governantes e os governados.

Os acadêmicos políticos Matthew Goodwin e Eric Kaufmann chegaram à mesma conclusão. Suas análises do bem sucedido referendo do Brexit e da campanha de Trump em 2016 descobriram que as velhas divisões de rico *versus* pobre que caracterizou a política do século 20 deu lugar a preocupações sobre nação, cultura e identidade. O terremoto político do Brexit e Trump foram seguidos por uma série de choques posteriores que viram o tombo de governos globalistas de esquerda na Bulgária, Moldávia, Áustria, Itália, Estônia, República Tcheca e Eslovênia na Europa, e Brasil, Colômbia, Paraguai, Guatemala e El Salvador na América Latina.

No coração dessa insurreição está a noção de que a classe política não mais representa as preocupações da vasta maioria dos cidadãos. Matthew Goodwin cita estudos que revelaram que entre Lyndon Johnson em 1964 e Barack Obama em 2012, a porcentagem de pessoas que sentia que o governo estava sendo administrado para o benefício de todos caiu de 64% para 19%, enquanto a porcentagem dos que suspeitavam que estava sendo administrado em favor de alguns poucos grandes interesses voou de 27% para 79%. Um colapso comparável de confiança na classe política permeia a Europa também.

Além disso, há um sentimento esmagador de que a classe política não está meramente desinteressada das preocupações da população, mas está, na verdade, desdenhado-as. Seja em desprezar o controle de fronteiras e imigração como xenofobia, ou o advogar proteção econômica como algo obtuso, ou a ansiedade por causa das mudanças culturais como intolerante e racista, a classe política mal consegue esconder sua hostilidade às preocupações populistas⁴.

Turley também explica que essa elite que acabou por se tornar antagonista do povo não é só compreendida como sendo formada por políticos profissionais, mas também pela mídia, intelectuais acadêmicos e Hollywood⁵. Sobre a hipocrisia da

⁴Disponível em: <https://www.turleytalks.com/blog-summary/elon-musk-and-the-growing-populist-revolt>. Acesso em 08 de junho de 2020 (Tradução minha). Importante sublinhar que “liberals” nos EUA designa progressista, por isso traduzi como “progressistas versus conservadores”.

⁵Ver também comentário no canal do autor: <https://www.youtube.com/watch?v=1rcbzCJBzGU>. Acesso em 04 de junho de 2020.

elite artística, aliás, vale lembrar o discurso do comediante britânico Ricky Gervais debochando de sua classe na abertura do último Globo de Ouro: “Se vocês ganharem um prêmio hoje, não usem isso como plataforma para fazer um discurso político, certo? Vocês não estão em posição de dar lição ao público sobre nada. Vocês não sabem nada sobre o mundo real. A maioria de vocês passou menos tempo na escola do que Greta Thunberg!”⁶

Luiz Felipe Pondé já percebera essa ruptura de prioridades com clareza após a eleição de Trump em 2016: “As pessoas reais não estão nem aí para discussões de classe, de gênero (...). As pessoas reais estão preocupadas com janta, escola de filho (...) e, incrivelmente, o Trump conseguiu falar com essas pessoas”.⁷ A análise do filósofo brasileiro aplica-se aos resultados das eleições no Brasil em 2018. Para se ter uma ideia da realidade desse quadro dentro de nosso país, uma análise do cenário de competitividade de 137 economias, publicada pelo Índice de Competitividade Global 2018, demonstrou que o Brasil é o lugar no mundo em que menos se confia nos políticos⁸. De fato, o novo inimigo identificado pelos eleitores é a classe política.

O populismo, porém, não é restrito à política moderna. Como foi mencionado no início deste artigo, é um fenômeno sociológico, que diz respeito aos padrões humanos da vida em sociedade. As circunstâncias narradas na Bíblia da divisão dos hebreus em dois reinos é uma antiga história que expõe isso. Roboão subiu ao trono após o falecimento de seu pai, Salomão. O primeiro grande desafio do novo rei foi lidar com o pedido de alívio do pesado jugo que seu pai havia imposto ao povo a fim de tornar realidade a construção do templo e outros projetos que deveriam ser símbolos da unidade nacional. Roboão, no entanto, não deu ouvidos ao conselho dos anciãos, que lhe sugeriram deferir o pedido de diminuir o jugo sobre aquele povo, e preferiu ouvir os amigos que com ele cresceram de ser ainda mais pesado do que havia sido Salomão. Israel reagiu dizendo: “Cada homem

⁶Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NqAwkfhfJrQ>. Acesso em: 04 de junho de 2020.

⁷Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pQ1hVmRo8VU>. Acesso em 31 de maio de 2020.

⁸Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/por-que-o-brasil-e-o-pais-no-mundo-que-menos-confia-nos-politicos-2rxp0c6scuo9304qkpvh1hn2r>. Acesso em 31 de maio de 2020.

à sua tenda, ó Israel! Cuida, agora, da tua casa, ó Davi!”⁹ A resolução foi a cisão com a dinastia de Davi. Roboão falhou miseravelmente em compreender as necessidades de seu tempo em seu país, o que acabou inaugurando uma nova era na geografia política de Israel e Judá com sua irreversível divisão. História antiga, do século X a.C., mas que reflete a incapacidade universal e atemporal da elite política de lidar com a realidade do homem comum. Não há nada novo debaixo do céu.

O movimento da Reforma protestante, um dos mais significantes em termos de mudanças sociais na história do Ocidente, é outro exemplo que merece ser destacado. O grande trunfo dos reformadores se deu com um paralelo bem atual: o acesso a meios de comunicação em massa que fogem ao controle da elite. Hoje as redes sociais rivalizam com a imprensa tradicional, assim como a imprensa de Gutemberg proporcionou que os escritos de Lutero se espalhassem entre as pessoas mais simples e humildes da Alemanha desafiando o *status quo* da Igreja de Roma, e depois em outros países e com mais obras de outros reformadores.

Nos dias atuais, é a grande mídia que está ofuscada, perdida e desacreditada, pois não tem mais o monopólio da opinião e da doutrinação. E com ela anda atordoada a elite política, que por muito tempo controlou as fontes de informação. Exatamente da mesma maneira que a Igreja Católica tentou fazer com os reformadores, as acusações de *Fake News* de hoje nada mais são do que a elite do poder gritando “hereges!” aos novos comunicadores da massa que atuam em suas redes sociais, desafiando dogmas e narrativas.

Leandro Narloch captou bem como esse fenômeno está se desdobrando no Brasil. Em seu texto ele cita o livro *The Revolt of the Public*, de Martin Gurri (escrito antes da vitória de Donald Trump, de Jair Bolsonaro e do Brexit) segundo o qual, as mudanças políticas causadas pela internet estão só começando:¹⁰

No século 20, diz Gurri, a autoridade das instituições se nutria do controle do fluxo de informações. Quando perderam esse controle, perderam também a legitimidade. No sistema de informações disperso e descentralizado de hoje, o tema predominante é o fracasso das elites. ‘Desmoralizadas, sabendo que cada

⁹II Crônicas 10.16

¹⁰Síntese da coluna de Leandro Narloch na Revista Crusoé segundo o site O Antagonista. Disponível em: <https://www.oantagonista.com/brasil/leandro-narloch-e-a-e-lite-contra-a-internet/?desk>. Acesso em 31 de maio de 2020.

falha, cada um de seus erros será exposto sem fim na internet, as elites que tocam o sistema vivem um sonho reacionário de voltar ao século 20', diz o autor. Parece que ele está falando do STF, não?¹¹

De tempos em tempos os movimentos populares ensinam às elites que seus ideais ideológicos e políticos não podem ter vida longa às custas da população. A dignidade da pessoa humana bate à porta dos que pensam ter o poder de controlar a vida alheia. Os cenários mudam e ditam onde o povo irá depositar seus sacrifícios pessoais, seja pelo bem coletivo - lutar pela liberdade, focar na construção do próprio país, investir no bem-estar social, até chegar ao ponto de esgotamento do indivíduo de viver em função do Estado e da coletividade. Quando aquilo que está sendo exigido da população não parece mais ser uma necessidade óbvia proporcional ao sacrifício demandado, a centralização de esforços em torno de uma elite que dirige a consecução do possível bem coletivo torna-se um peso sem razão de ser suportado.

O início do século XXI tem ficado marcado pela inquietação popular (no sentido literal, não ideológico), diante de uma elite política e intelectual que insiste em viver desconectada da realidade da maioria da população. Por mais que o desabafo das pessoas comuns possa vir com uma aparência de brigas ideológicas, tal análise acaba sendo simplista, pois a sociedade é muito mais complexa do que pode ser definido pelo espectro político. Os tempos atuais deixam isso ainda mais nítido. Tal agitação retrata, na verdade, o anseio humano atemporal por justiça e liberdade que se expressa em movimentos que eclodem do cansaço de quem tem de se doar diariamente para garantir a própria sobrevivência na vida em sociedade. E sendo expressão de um clamor universal, tem, assim, consequências diretas no tempo em que vivemos.

Enfim, esta década se apresenta como um pico alto de tensão populista contra as elites, o que está, inevitavelmente, afetando o panorama político. “Nós, o povo” tem manifestado seu lado mais genuíno e ousado. O “Estado para o povo” não mais convence, enquanto o cidadão comum não enxerga os seus governantes alinhados na prática com as preocupações comuns de pessoas comuns vivendo suas vidas comuns. Análises do espectro ideológico e a interpretação das escolhas

¹¹Ibidem.

de eleitores pela ótica das ideias de esquerda e direita não são mais suficientes para compreender o momento da história. Quem não aceitar esse enunciado, será incapaz de fazer uma leitura integral do que está a ocorrer no Brasil e no mundo. As pessoas comuns atrás de suas telas conectadas à internet tornaram-se um importante agente político a ditar, a partir de seus próprios valores, o rumo e o ritmo dos acontecimentos.



Warton Hertz

Sobre o autor

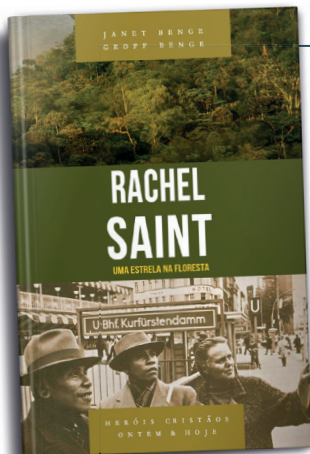
Formado em Teologia pelo Seminário Martin Bucer, em São José dos Campos/SP. Mestre em Teologia e Ética pela Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo/RS. Bacharel em Direito pela UniRitter, em Canoas/RS. Membro fundador do Instituto Brasileiro de Direito e Religião. Hoje é Pastoral Resident em Chicago na Addison Street Community Church em conjunto com Neopolis Network e Holy Trinity Church.

Lançamentos

Os métodos missionários de Paulo e Um estudo da expansão da igreja

Roland Allen | 16x23 cm | 368 p.

Os métodos missionários de Paulo e sua continuação, Um estudo da expansão da igreja, são clássicos que ainda hoje nos desafiam a avaliar a atuação das igrejas e das missões à luz da Bíblia e a submeter nossos esforços ao poder e à ação do Espírito Santo.



Rachel Saint - Série heróis cristãos ontem & hoje uma estrela na floresta

Janet Benge e Geoff Benge | 14x21 cm | 216 p.

Quando a jovem Rachel Saint entregou sua vida a Deus, ela iniciou uma jornada inimaginável que duraria décadas e transformaria radicalmente uma cultura agonizante mergulhada em vingança. Contra todas as probabilidades, Deus a levaria aos índios Waorani do Equador - conhecidos como Aucas, ou selvagens, e famosos por assassinatos.

Mulheres destemidas o poder de uma guerreira dócil

Kimberly Wagner | 16x23 cm | 248 p.

Não importa se você é introvertida ou extrovertida, Kimberly Wagner acredita que as mulheres são criadas para ser uma força impulsionadora. Talvez você não se ache uma mulher destemida e bonita nem ligeiramente forte, mas já pensou que Deus colocou um destemor poderoso em seu coração — no coração de cada mulher?

